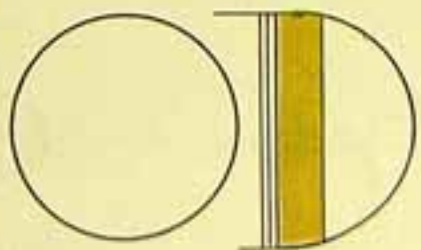




PARA
ANNO XI • NUM. 554



27
JVLHO
1929

PREÇO 1s

Um succedaneo...? —Passo!

Quem usa ou traz para casa um succedaneo, em vez da CAFIASPIRINA legitima, commette uma imprudencia que lhe póde sahir bem cara!

Por este motivo, toda a pessoa discreta e cuidadosa, nega-se a receber productos suspeitos, e exige sempre a nobre e excellente



CAFIASPIRINA

B
A
Y
E
R



—isto sim!

E' o unico preparado que se póde administrar com plena confiança a qualquer pessoa da familia, pois proporciona allivio immediato e não ataca o coração nem os rins.

Dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, cólicas menstruaes; consequencias de noites perdidas, abusos alcoolicos, etc.

Confortavel no inverno



fresca no verão



Assim será sua casa, si V. S. revestir seus tectos e paredes com Celotex, o maravilhoso material isolante que tão surprehendedentes resultados está dando em muitos lugares do Brasil.

Com Celotex, os inconvenientes das estações são eliminados completamente.

As paredes revestidas com Celotex impedem a passagem do frio, do calor e dos ruidos.

As habitações forradas com Celotex são seccas, confortaveis no inverno e frescas no verão.

CELOTEX

INSULATING LUMBER



INTERNATIONAL MACHINERY COMPANY

RIO DE JANEIRO
RUA SÃO PEDRO, 66

RECIFE
AV. RIO BRANCO, 139



SÃO PAULO
RUA FLORENCIO DE ABREU, 152
PORTO ALEGRE
RUA CAPITÃO MONTANHA, 129

ENDEREÇO TELEGRAPHICO GERAL: INTERMACO

Os livros velhos, os livros expostos, os livros que dormitam no ostracismo dos corredores, revestidos de poeira, como avoengos perdidos na selva do esquecimento filial, estes livros são para mim como velhos cemitérios enormes que encerram as lembranças das vidas anônimas e obscuras que beberam nelles, com a fé e a ansia do sedento, venenos e elixíres. Em cada um desses livros, ha um mundo subterrâneo de cadáveres que falam. Cada folha, cada pagina é uma fossa, apr. donando uma recordação. Por isso, ao entrar no "bric-à-brac", onde conto livros vetustos, sinto como que uma carícia fria de sepulchro.

E em cada livro presinto o continuo ferver, ou antes, a ebulição de um mar profundo, revolto por alguma coisa que não se vê, por alguma coisa que não se ouve...

Entro. Uma pequena, miúda sala, se grava em minha retina. As quatro paredes estão literalmente cobertas por estantes que sobem do chão até o tecto, quasi. Em cada "prateleira" fileiras de livros nos mostram os dorsos avariados, os seus dorsos castigados pela furia do tempo, como lombos de animaes açoitados pela furia do chicote. No centro da peça um balcão sobrecarregado de pyramides, obeliscos e monticulos de livros velhos e estragados, atraz dos quaes brilham os vidros de uns oculos que auxiliam a invalidez de uns olhos senis, humidos e cansados, semelhando astrologos que, de tanto olhar o invisivel, e de tanto perscrutar o insondavel, já não pudessem ver nada. Ha livros pelo chão, espalhados. E tambem sobre cabotes, nas cadeiras, em todo o lugar, qual migalhas de um festim ou como escombros de algum desmoneamento. E cada livro que tomo entre meus dedos murmura com o murmúrio de uma vasta colmeia.

Folheio. Folheio. E as folhas passam. Passam lentamente, e no passar de cada pagina se erguem cadáveres de coisas que viveram. Cadáveres de lembranças proscriptas.

Tomo um livro. O mais velho de todos. É um livro de amor, hyperbolico. Um livro triste. Um livro alegre. Livro de galãs de cabelleiras longas e d'espaldachins quixotescos. Livro de amores que deslizam sua tenese, seu triun-

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48\$000. 6 mezes, 25\$000. Estrangeiro - 1 anno, 85\$000. 6 mezes, 45\$000. As assignaturas commecam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

pho e agonia sob raios de lua de papel pautado, e entre queixas languidas de violino enfermeiro.

Onde esteve este livro?

É já velho. Sua vida foi estensa, incommensuravel e tem fim, como um minuto da dor. Que mãos seguraram este livro?

Callemos! A alma das cousas vai falar. Os cadáveres se exhumam para narrar a historia deste livro velho. O livro dos amores fala:

"Meu nome tentou a tentação de uma adolescencia muito loura, de quinze primaveras floridas, que me guardou consigo, na ternura niurna do seiosinho incipiente. Logo comprehendí que a fazia ocelliar-me assim, unicamente o temor de que em casa, a sua mãã me visse. E, desde esse instante, houve entre nós a cumplicidade de um beijo peccador.

O mysterio nos uniu fortemente. Por isso, pelo mysterio, eu a amava. Por isso, pelo mysterio, ella me amava...

De noite, quando todos em casa dormiam, a mão bran-

ca da menina loura me desenterrava de um bahu, em cujo fundo, varias medalhas, estangas religiosas, escapularios e muitas outras lembranças da meninice de minha dona cobriam a minha existencia de nostalgia com a narrativa de suas vidas mysticas. A menina me tomava entre as mãos. Collocava-me sobre o marmore gelado da mesinha de cabeceira e começava a tirar o vestido, a despojar-se das roupas. Eu via e calava. Depois, mettia-se na cama. Então, era quando parecia ser uma joia de metal precioso, escondendo-se na brancura avelludada de um estojo branco.

A cabecinha doirada surgia sobre o travesseiro, e a mão branca tornava a me segurar... A pequena lia-me... Lia-me. Eu me deixava ler, com a placidez que gozam os que são comprehendidos. E quando os seus olhos claros corriam pelas linhas das minhas paginas, eu sentia um exquisito prurido de beijos. Um prurido muito subtil. E tremia. Nas scenas tristes, quando eu lhe contava, as pressas, uma conta sombria, um rapto de ciúmes ou o nascimento de uma desesperança, a menina soluçava com os soluços dos meus personagens. Outras vezes, quando eu lhe mostrava a difficuldade de obstaculo, no qual tropeçava o amor forte dos meus

A HISTORIA DE UM LIVRO



CINEARTE

A revista mais completa em assumptos da cinematographia moderna.



protagonistas, o peito de minha dona se erguia com um impulso de brava vontade, como si com esse arranque do seu peito virginal quizesse derrubar para sempre o obstáculo. E, quando, sobre a claridade de algumas cenas, flutuava a odiosidade de um personagem malquistado e antipático, então a menina me apertava e cerrava os dentes. Mas, em compensação, quando eu lhe apresentava a imaginação a magnífica scena de uma passagem amorosa, entre carícias, beijos e flores, então ella me levava nos lábios, beijava-me, e conservava-me assim um instante. Curto e longo instante! E os seus olhos, os seus olhos que já não veem nunca, cravavam-se, extasiados no tecto do quarto, como se os bem-amados esperassem que no tecto se abrisse um interstício para dar passo a luz, sob cujos raios desceria o "príncipe azul". O homem que revela o enigma.

Depois os dedos afrouxavam, e, dos lábios da loura eu colhia por entre as cobertas da cama. Então eu me

extraviava nos sonhos dos meus sonhos. Sonhava que era I. mem. Esta vida fêz decorrer na brevidade de algumas noites. Depois, tudo acabou. E, como um velho príncipe cego que trouxesse a mocidade no íntimo do seu ser, e a frieza senil na epiderme, deixaram-me ali esquecido, no funebre letão das lembranças desterradas. Inumeros foram os dias que a minha tristeza viu passar, de um em um... Até que certa vez, uma mão enrugada, inão feia, saturada com o elixir de cozinha, introduziu-se na solidão do meu desterro. Roubou-me. Em poucos dias envelheci dez annos.

Minha capa se vestiu de luto. Minhas folhas se enlodaram do echo de velas immundas. Cahi nas mãos da creadapina. E minha vida se adaptou a essa vida, pois tal é a natureza, que até nas póas do sofrimento, sentimos a voluptuosidade da seda. Achei naquella existência miserável um estranho gozo compassivo. Fui o herói dos serões de cozinha. Nas noites frias, eu esgrimia o amor e o odio dos meus personagens paradoxaes. As cozinheiras, amas-recas, cocheiros e creadas de quarto que escutavam as minhas phrasas, viam desfilar com impaciencia, a complicada procissão dos meus titerees. Não, como risa milles. Aquillo era a minha

Para todos...

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que pôde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", 164, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402. Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8.º andar, salas 86 e 87.

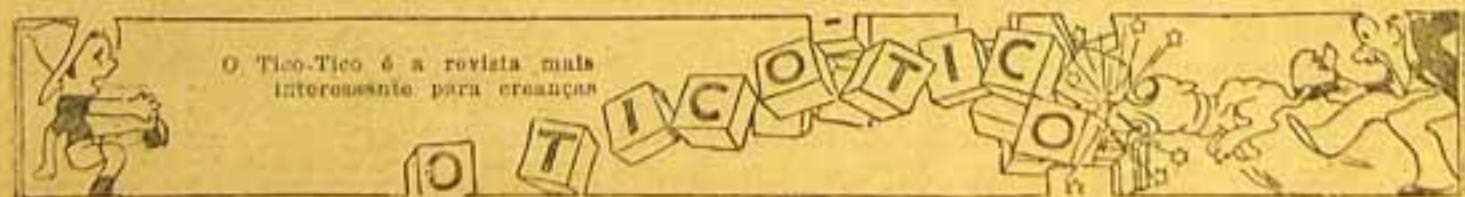
gloria. Della cahi como sol que desmala. Como uma creança que morre...

Levaram-me depois para o leito de dór de uma pobre rapariga, desfolhada flor de vicio. Fui como presente de um cocheiro. A pequena estava doente de excesso de amores. E morria. Extenuada. Exangue. Morria, como essas borboletas que vivem e morrem na mesma luz em que nasceram. Os olhos negros da pobrezinha, já no fundo das orbitas, e escuros como perigos de sonho, fulguravam de instante a instante, ante as minhas paginas. E as minhas paginas scintillavam ante a ternura commovida desses olhos. E eu tremia todo inteiro, inteirinho, nas suas mãos compridas e magras, chéias de suor frio. Tremia como um amante que dá um beijo. E ella, a toica, a moribunda, apertava-me e beijava-me com o mesmo entusiasmo com que me apertava e beijava minha primeira dona, a loura. Numa tarde sem sol, sem luz, sem passaros, mas, em compensação, cheia de sombras e d'es-

pectros mudos, cahi ao chão, desde aquelles dedos que se distenderam para sempre, como pétalas de uma flor moribunda... Cahi. Desde essa funebre queda, tive muitas outras quedas. Para que contal-as? Meu aspecto o delata, suggerindo minha historia. Historia de melancolicos occasos e de alvoradas de esplendor. Historia de capitulos que encerram toda a felicidade da desventura e toda a desventura da felicidade. Go-... como um homem, no sofrimento. Sofri como um homem, no prazer. E aqui estou. Do bolso de um velho philosopho que, por um amor de mulher, se fez poeta e, que, por odio aos homens, passeia a sua philosophia pelos arrabaldes, cheguei até cá, trazido por essa immensa e formidavel força que governa e manja as paixões do homem: a fome. E aqui estou neste mundo de invalidos onde, como no mundo da humanidade, compra-se tudo o que se vende e vende-se tudo o que se compra. Leva-me. És descendente de Icaro. Leva-me contigo para o teu silencio. Para o eterno silencio da tua solidão onde as coisas mortas têm mais sciencia que as coisas vivas".

Por dez centimos, adquiri esse livro. E, todas as noites, fala. Fala como um sábio que fosse muito velho, e como um velho que fosse muito sábio. — (Tradução de ANELER)

João José de Soiza Reilly



TRES ANNOS DE RHEUMATISMO E CHAGAS



...soffrendo horivelmente
cerca de 3 annos de dor-
tes rhumaticos e chagas
por todo o corpo, devido
a syphilis...

Com o uso do grande
ELIXIR DE NOGUEIRA,
do Pharmaceutico-Chimico
João da Silva Silveira, foi
maravilhosa a minha cura,
pois já tinha idea de su-
cubir-me...

ANTONIO CORREIA

(Firma reconhece-a)

Bahia — São Salvador, 23 de Agosto de 1927.

Confirmo as expressões supra do Sr. Antonio Correia.

Bahia, 27 de Agosto de 1927

DR. FRANCISCO DE SALLES NOGUEIRA FILHO

(Firma reconhece-a)

S y p h i l i s ?

SO' O GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

"ELIXIR de NOGUEIRA"

Si cada socio enviasse a Radio Sociedade uma proposta
de novo consocio, em pouco tempo ella poder'a duplicar
os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.



... todos os lares espalhados pelo immenso territorio
do Brasil recebem livremente o conforto moral da
sciencia e da arte

RUA DA CARIOCA, 45 — 2º Andar

Diznos quasi sempre enfado a commuñã daquelas pes-
soas, diante das quaes não devemos mostrar-o.



TANTO NA FALTA
DE
APPETITE
como nas
DIGESTÕES DIFFICILIS
COMER BEM
DORMIR MELHOR

EM TODAS AS IDADES SEM RESGUARDO

CINEARTE - ALBUM

A mais luxuosa publicação annual
cinematographica brasileira.

Edições esgotadas em 6 annos seguidos!

A mais completa collecção de retratos de artistas de ambos os sexos.

COLHENDO DADOS PARA A EDIÇÃO DE

CINEARTE - ALBUM PARA 1930

JÁ EM ORGANIZAÇÃO, ACHA-SE NA AMERICA DO NORTE O
SR. ADHEMAR GONZAGA, DIRECTOR DA REVISTA **CINEARTE**
Sociedade Anonyma "O MALHO". — Rua do Ouvidor, 164 — RIO.

O RISO TRAZ SAUDE



Viva-tonal — **COLUMBIA** — como a própria vida!
 GRAVA EXCLUSIVAMENTE PARA
CORNELIO PIRES **COLUMBIA**

CORNELIO PIRES FAZ RIR!!!
Toda casa precisa de alegria

Já estão à venda em todas as boas casas do ramo os seguintes DISCOS COLUMBIA VIVA-TONAL, sem chiado, gravados por **Cornelio Pires**, nos quais ele revela o espírito da nossa gente pacientemente observado e interpretado com toda a graça.

- | | | | |
|-----------|-----------------------------|-----------|------------------------------|
| 20000 — B | { Entre Italiano e Alemão | 20003 — B | { Coisas de Caipiras |
| | { Anedotas Norte Americanas | | { Baptizado em Sapinho |
| 20001 — B | { Astúcia de Negro Velho | 20004 — B | { Desafio entre Caipiras |
| | { Rebatidas de Caipiras | | { Verdadeiro Sambo Paulista |
| 20002 — B | { Simplicidade de Caipira | 20005 — B | { Anedotas Cariocas |
| | { Numa escola sertaneja | | { Danças regionaes Paulistas |
| | | | { Canna Verde — Caruru |

COLUMBIA PHONOGRAPH COMPANY INC.

DISTRIBUIDORES GERAES:

BYINGTON & C.

Rua General Camara, 65

RIO DE JANEIRO

S. PAULO — SANTOS — CURITYBA — PORTO ALEGRE — RIO GRANDE — PERNAMBUCO — NOVA YORK

Clinica Medica de "Para todos..."

CHOROIDITE

Vem a ser a inflamação da choroide, — membrana que reveste a parte posterior do globo ocular, onde está localizada, entre a esclerótica e a retina.

O quadro symptomatologico da choroideite é bem definido: vista turva, sensação de argueiros que parecem girar no ar, photophobia, sensação de peso, no globo ocular, dores que muitas vezes chegam a extrema violencia, myopia e decrescimento progressivo do poder visual.

Ao exame directo, por meio do ophthalmoscopio, o hemispherio posterior do globo ocular apresenta, na choroideite, uma coloração vermelho-escurecida, umas vezes, uniforme e, outras vezes, distribuida em placas ou proeminências — particularidade valiosa; no estabelecimento do diagnostico.

A principal condição, para o restabelecimento do enfermo, está no repouso absoluto da vista.

A leitura, a escripta e outros quaisquer trabalhos visuaes, serão rigorosamente prohibidos. E, ainda mesmo verificado o completo restabelecimento, deve o enfermo ser muito cauteloso, no intuito de afastar a possibilidade de recidivas.

São precauções essenciaes a quem não deseja voltar á choroideite, proscrever a leitura, após as refeições, não ler, durante um longo espaço de tempo, utilizando-se de qualquer luz artificial, não escrever, tendo a cabeça muito baixa, o que poder-se-á facilmente evitar, escrevendo de pé, em frente a uma estante ou carteira elevada.

O tratamento interno da choroideite constará do sulfato de strychnina, — tres granulos, dosados a meio milligramma, por dia. Para completar o tratamento, o enfermo instillará, sobre o globo ocular, pela manhã e á noite, duas gottas deste collyrio: azotado de pilocarpina 5 centigrammas, agua destillada fervida 10 grammas.

CONSULTORIO

NATALINO (Natal) — Use, pela manhã e á noite, "Neurene", como adequado moderador nervoso. No fim de cada refeição principal, tome 2 compridos apothericos de cerebrina. Banhos mornos geraes, pela manhã, alimentação leve e isenta de excitantes, exercicio muscular e passeios a pé completarão o tratamento.

LULU* (Truizeiro) — Deve fazer, por semana, 2 injeções intra-musculares, com a "Protocaine". Internamente usará o "Phaguryl". Pela manhã e á noite,

Medicos

Dr. Armenio Borelli

Cirurgia do adulto e da creança.
Chefe interino da 3ª Enfermaria
de Cirurgia da Santa Casa da Misericórdia.

Consultas: das 4 ás 6, rua Rodrigo Silva, 5—sobrado; telephone C. 3451
Residencia: rua Senador Vergueiro, 11, telephone B. M. 1448.

Dr. Arnaldo de Moraes

Docente da Faculdade de Medicina
Da Maternidade do Hospital da
Misericórdia e da Polyclínica
do Rio de Janeiro.

CIRURGIA ABDOMINAL, GYNECOLOGIA E PARTOS

Consultorio: R. Assembléa, 87 (3 ás 6 horas) Tel. Central 2604
Residencia: R. Barão de Icarahy, 28, Botafogo Tel. B. Mar 1815.

Doenças nervosas — Males sexuaes
— Syphilis — Plastica.

Dr. Hernani de Irajá

Banhos de luz Raios ultra-violetas e infra-vermelhos. Diathermia. Alta-frequencia Galvano-faradisação. Endoscopias. Massagens electricas por habil enfermeira. Processos rapidos para engordar ou emmagrecer. Tratamento de signaes, verrugas, cicatrizes viciosas pela electrolyse e electro coagulação.

Das 2 ás 6 — Praça Floriano, 23 — 5º andar "Casa Allemã"

Clinica Medica do

Dr. NEVES-MANTA

(Assistente da Faculdade)

Especialmente o tratamento das
Doenças Nervosas e Mentaes nas
suas relações com as doenças funcioneas do Estomago, Fígado e Rins
Rua Rodrigo Silva, 30 — 1º

Diar. mente ás 2 horas

fará grandes lavagens locais, empregando uma solução de permanganato de potassio a um por dois mil.

J. N. (Nova Friburgo) — Ha positivamente um engano de sua parte. Nesta secção não foi recommendado appellido algum, para extinguir o defeito alludido. Aqui nos referimos apenas aos methodos chirurgicos adoptados para corrigir o "ectropion" ou o "epicanthus".

JÉCA (Leopoldina) — A doente deve usar: extracto aquoso de arenaria rubra 2 grammas, piperazina 4 grammas, tintura de buchu 4 grammas, sal de Vichy 5 grammas, extracto fluido de abacateiro 15 grammas, xarope das cinco raizes 30 grammas, infuso de uva ursa na 350 grammas, — meio calice de 3 em 3 horas. No meio de cada refeição principal, tomará 10 gottas de "Iodolose Galbrum", num calice d'agua assucarada. Deverá ter sempre á disposição algumas ampolas de nitrito de amyla, para quebrar uma dellas e aspirar o conteúdo, quando se manifestar a crise de dyspnéa. A dieta constará do regimen lacteo-vegetariano, havendo completa exclusão de carnes, peixes, bebidas alcoolicas, chocolate, café e todos os excitantes.

F. M. R. (Miracema) — A creança usará: phosphato de bismutho 1 gramma, benzo-naphtol 4 grammas, gomma arabica em pó, quantidade sufficiente para conservar em suspensão o benzo-naphtol, magnesia fluida 1 vidro, — uma colherinha, de 3 em 3 horas. A senhora usará, depois de cada refeição principal, 2 granulos de "Methylassinato de Sodio Clin" e externamente empregará, em loções d'arias, sobre os cabellos: coaltar saponificado 3 grammas, resorcina 3 grammas, acido salicylico 4 grammas, tintura de capsicum 4 grammas, tintura de cantharidas 6 grammas, tintura de balsamo do Perú 10 grammas, hydrolato de quina 320 grammas, essencia de rosas, quantidade sufficiente para aromatizar.

MILA (Rio) — Sua irmã deve usar: alcoolatura de digitalis 20 gottas, tintura de polygala 4 grammas, extracto fluido de stygmas de milho 15 grammas, mellite de scilla 20 grammas, xarope das cinco raizes 30 grammas, infuso de bagas de zimbro 350 grammas, — meio calice de 3 em 3 horas. Depois de cada refeição principal, tomará "Kola Astier".

LOURDES (São Paulo) — Além do remedio interno que está empregando, applique em unções, na região indicada: essencia de limão 20 gottas, sulphydrato de calcio em massa 20 grammas, amido pulverisado 8 grammas, glicerina neutra 20 grammas.

DR. DURVAL DE BRITO.

GESSY

INEQUALAVEL SABONETE PARA OS BANHOS

DE
ALVARO MOREYRA

na Livraria Pimenta de Mello & C., rua Sachet, 34. Rio
Cocalina 4\$000
A boneca vestida de Arlequim 5\$000
Circo 6\$000
Adão, Eva e outros membros da familia 8\$000

Pelo correio mais 600 réis

...ir para a cama... tarde... ceia farta... somno... sonhos máus... ladrar de cães... aborrecimentos de negocios... choro de crianças... hora de se levantar... nervos excitados... pelle do rosto irritada...

— é então o momento em que o seu rosto precisa do conforto de uma nova lamina GILLETTE.



HA manhãs em que uma nova lamina Gillette é melhor do que qualquer imitação que se possa imaginar. Ha outras em que a sua barba está espessa e dura como o seu estado de nervos; em que a agua da bica em vez de quente está fria; em que o tubo de creme para a barba está no fim... e em que o Senhor

não tem tempo para se barbear. Manhãs enfim em que tudo está contra a Gillette!

Ponha, no entanto, uma lamina Gillette nova no seu aparelho Gillette e o Senhor gozará a sua barbeação macia e suave como si estivesse em uma manhã tranquilla.

Só visitando a fabrica Gillette, se poderá conceber, como se pôde pôr tanto conforto de barbeação numa só lamina.

2 milhões de dollares foram alli empregados na machinaria inventada e aperfeiçoada continuamente, durante 25 annos, com o unico fim de garantir a toda lamina Gillette um serviço suave e perfeito.

Todas as manhãs 30 milhões de americanos dependem dessas laminas.

★ ★ ★ Gillette



Cia. Gillette Safety Razor do Brasil

Caixa postal 1797

RIO DE JANEIRO



Os empregados encarregados do seu exame ganham um premio por cada lamina defeituosa que separam.

Pelo menos DOZE condições diversas affectam o conforto da sua barbeação diaria, ao passo que a lamina Gillette é sempre a mesma e o factor invariavel da sua barbeação diaria.

EDIÇÕES

PIMENTA DE MELLO & C.

TRAVESSA DO OUVIDOR (RUA SACHET), 34

Proximo á Rua do Ouvidor RIO DE JANEIRO

Bibliotheca Scientifica Brasileira

(dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda)

INTRODUÇÃO A SOCIOLOGIA GERAL, 1º premio da Academia Brasileira, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda, broch. 16\$, enc.	20\$000
TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, pelo prof. Dr. Raul Leitão da Cunha, Cathedradico de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 35\$, enc.	40\$000
TRATADO DE OPHTHALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Fialho, Cathedraticeo de Clinica Ophthalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1º e 2º tomo do 1º vol., broch. 25\$ cada tomo, enc. cada tomo 30\$000	30\$000
THERAPEUTICA CLINICA ou MANUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeira, 1º e 2º volumes, 1º vol. broch. 30\$000, enc. 35\$, 2º vol. broch. 25\$, enc.	30\$000
CURSO DE SIDERURGIA, pelo prof. Dr. Ferdinando Labouriau, broch. 20\$, enc.	25\$000
FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas do Codigo Civil), broch. 25\$, enc.	30\$000
IDEAS FUNDAMENTALES DA MATHEMATICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch., enc.	
TRATADO DE CHIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Roth, broch., enc.	

LITERATURA:

O SABIO E O ARTISTA, de Pontes de Miranda, edição de luxo.....	
O ANEL DAS MARAVILHAS, texto e figuras de João do Norte.....	2\$000
CASTELLOS NA AREIA, versos de Olegario Marianno.	5\$000
COCAINA..., novella de Alvaro Moreyra.	4\$000
PERFUME, versos de Onestaldo de Penafort.	5\$000
BOTÕES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva.	5\$000
LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro.	5\$000
ALMA BARBARA, contos gaúchos de Alcides Maya.	5\$000
OS MIL E UM DIAS, Miss Caprice, 1 vol. broch.	7\$000
A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM, Alvaro Moreyra, 1 vol. broch.	5\$000
ALMAS QUE SOFFREM, Elisabeth Bastos, 1 vol. broch.	6\$000
TODA A AMERICA, de Ronald de Carvalho.	8\$000
ESPERANÇA — epopéa brasileira de Lindolpho Xavier.	8\$000
DESDOBRAMENTO, de Maria Eugénia Celso, broch.	5\$000

CONTOS DE MALBA TAHAN, adaptação da obra do famoso escriptor arabe Ali Malba Tahan, cart.	4\$000
HUMORISMOS INNOCENTES, de Areimor	5\$000

DIDATICAS:

FORMULARIO DE THERAPEUTICA INFANTIL, A. A. Santos Moreira, 4ª edição	20\$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL, texto e mappas, para os cursos primarios, por Clodomiro R. Vasconcellos, cart.	10\$000
CARTILHA, Clodomiro R. Vasconcellos, 1 vol. cart.	1\$500
CADERNO DE CONSTRUÇÕES GEOMETRICAS, de Maria Lyra da Silva..	2\$500
QUESTÕES DE ARITHMETICA theoricas e praticas, livro officialmente indicado no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré....	10\$000
APONTAMENTOS DE CHIMICA GERAL — pelo Padre Leonel de Franca S. J. — cart.	6\$000
LIÇÕES CIVICAS, de Heitor Pereira (2ª edição).	5\$000
ANTHOLOGIA DE AUTORES BRASILEIROS, Heitor Pereira, 1 vol. cart.	10\$000
PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferreira de Abreu.....	3\$000

VARIAS:

O ORÇAMENTO, por Agenor de Roure, 1 vol. broch.	18\$000
OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Carvalho, 1 vol. broch.	18\$000
THEATRO DO TICO-TICO, repertorio de cançonetas, duettos, comedias, farças, poesias, dialogos, monologos, obra fartamente illustrada, de Eustorgio Wanderley, 1 vol. cart.	6\$000
HERNIA EM MEDICINA LEGAL, por Leonidio Ribeiro (Dr.), 1 vol. broch. ...	
PROBLEMAS DO DIREITO PENAL E DE PSYCHOLOGIA CRIMINAL, Evaristo de Moraes, 1 vol. enc. 20\$, 1 vol. broch.	16\$000
CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury Medeiros (Dr.).....	5\$000
UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO, de Roberto Freire (Dr.).....	10\$000
INDICE DOS IMPOSTOS EM 1926, de Vicente Piragibe.	10\$000
PROMPTUARIO DO IMPOSTO DE CONSUMO EM 1925, de Vicente Piragibe..	6\$000

COMO ESCOLHER UMA BOA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.).....	4\$000
BIBLIA DA SAUDE, enc.	16\$000
MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA, broch.	6\$000
EUGENIA E MEDICINA SOCIAL, broch.	5\$000
A FADA HYGIA, enc.	4\$000
COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc.	5\$000
FORMULARIO DA BELLEZA, enc.	14\$000

Robustece e engorda

INGESTA **SILVA ARAUJO**

**FARINHA LACTEA
PHOSPHATADA
VITAMINADA**



MINIATURA DA CAPA D'"O MALHO" DE HOJE



Mlle. Clotilde Michel, da Companhia Milton, que está no Lyrico



Desenhos que são nomes de Nan-kin

IL NEIGE !....

(Primeiro premio do Concurso do "Figaro", de Paris-(1902)

Henrique Oswald

Andante molto tranquillo

PIANO

pp

molto espressivo

Ed simile

A Panatrophe
Henrique Oswald

A Panatrophe
Henrique Oswald

Porinswick
o glori

o glorioso compositor brasileiro

...na opinião de
compositor brasileiro

o glorioso compositor brasileiro na opinião
Não tenho expressões bastante convincentes para transcrever
e acho satisfatório, citando um dos últimos modelos dos PARATOPES
NESTICE, é, incontestavelmente, o que no gênero tem o ouvido de
melhor e de mais perfeito.
Acho que a escutção dos grandes mestres por ser
dos PARATOPES é da maior utilidade para os
ouvir bem o ouvido e compor o seu
estudo, aperfeiçoando

RRP

Red. Red. Red. Red.

PARATROPE-RADIOLOGIA
R. N. C. R.

INCE

Para Todos...



QUANDO, geralmente, se ouve o nome dessa carioca que foi rainha em Portugal, tem-se a impressão, deductiva, pelo que aquella Dona Maria II nos suggere, de uma senhora alentada, ou mesmo magra se quizerem, em vestido de côrte, á antiga, de manto aos hombros e corôa numa gravura de livro didactico ou de historia dynastica.

Pois, senhores a gravura que vimos e notas que lemos, ambas, gravura e notas, as mais fieis de um tempo, principalmente a gravura, em que o artista não precisou sacrificar a fidelidade á lisonja, porquanto, a fidelidade era digna de ser vista e se impunha, pelo seu encanto, á reproducção — nos deixaram attrahidos, em goso de contemplação.

Nem mesmo essa doce Guilhermina de Hollanda, flôr meiga e clara de Haya, quando, já mulher e criança ainda, subiu gracil e risonha os degrãos atapetados de um throno, na meia adolescencia dos seus 18 annos, nem mesmo essa, veio tirar á Maria da Gloria que a conveniencia de uma politica e de uma dynastia veio buscar ao Brasil para appellida-la depois, em Lisboa, de

Maria II, a primazia incontestada da mais linda, da mais graciosa, da mais mignonette e encantadora rainha que tem tido os reinos do mundo.

Maria da Gloria que fizeram Maria II, era toda um mixto delicioso da gracilidade da menina carioca, quando na formosura pubere dos 15 annos e do alvo frescor das adolescentes nobres de sangue viennense.

Maria de Gloria era delicadamente feminil: 'mínce' sem deixar de ser esbelta, mignonette sem deixar de ter porte. Na vivacidade dos seus olhos lindos, no encanto risonho da sua pequena bocca, no assetinado da sua tez e das suas mãos, na graça e na belleza attrahente do seu todo, havia uma prodigalidade carinhosa da natureza.

Jamais tanto ecanto, quasi infantil, subiu a um throno e tão amoravel graça teve sobre a formosura de sua pequena cabeça o fulgor do ouro e das pedrarias de uma corôa real.

Dessa linda, encantadora Maria de Gloria, pode-se bem orgulhar o velho Portugal, por a ter tido em seu throno, como desvanecida sorri esta formosa terra carioca por a ter visto nascer e por a ter creado em seu seio de onde um dia a levaram mulher, para fazel-a rainha.

Illustração de J. Carlos

Lima Campos

DOMINGO



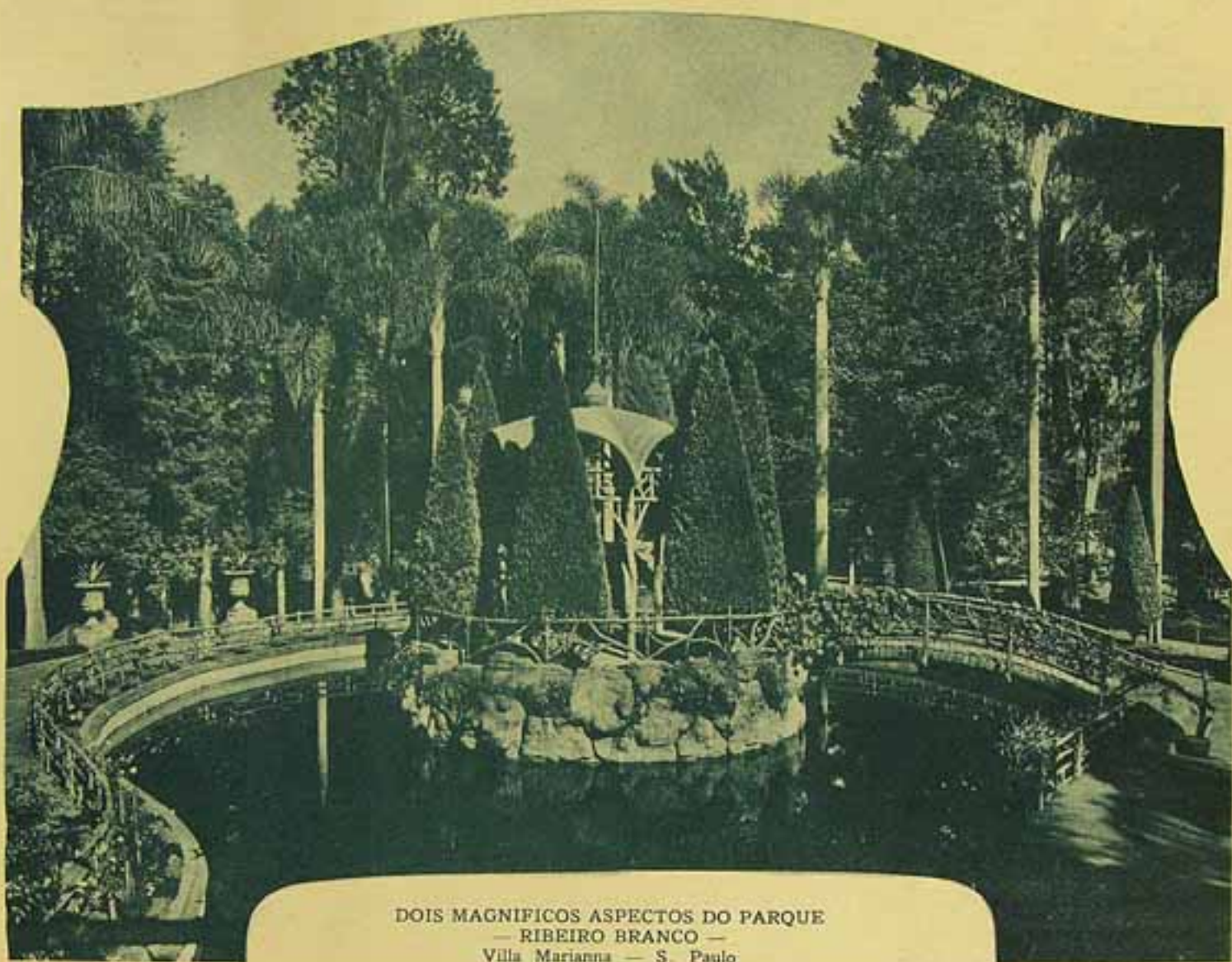
DOMINGO



LARGO
DO
MACHADO



DEPOIS
DA
MISSA



DOIS MAGNIFICOS ASPECTOS DO PARQUE
— RIBEIRO BRANCO —
Villa Marianna — S. Paulo



CAUSOU grande estupefacção, há seis annos, a proeza de um joven francez, conhecido, até então, apenas como campeão de tennis; em principios de abril de 1923 embarcára só, em Cannes, num pequeno cutter de 9 metros de comprimento e com 10 toneladas, atravessára o Atlantico e chegára a Nova-York depois de cento e quarenta e dois dias de uma travessia cheia de peripecias. Alain Gerbault contou sua viagem prodigiosa num livro que todo mundo leu: "Seul, travers l'Atlantique" (Bernard Grasset, edit.) Elle, porém, planejava já um periplo mais audaz. Nesse mesmo "Firecrest", casca de noz, ás vezes balouçada pelas tempestades, elle sahio de Nova-York a 2 de novembro de 1924 e durante cinco annos de uma viagem solitaria de 60.000 kilometros, elle voltou á França, tendo atravessado todo o Pacifico, o Oceano Indico e contornado a Afri-



UMA CHALOPA VISTA DE BORDO DO FIRECREST

O Extraordinario Roteiro de Alain Gerbault. 60.000 Kilometros á Vela.

quebra-mar e os armazens não conseguiram destruir completamente a belleza de uma paisagem que deveria ter sido grandiosa antes da colonização pelos brancos.

Já começava a ouvir o ruido dos automoveis e a ter, por isso, saudades das ilhas menos civilizadas das Marquesas e Tuamotou.

Lembrando-me da recepção dos indigenas nessas ultimas ilhas, receiava ver perturbada a minha solidão. Com effeito, era Tahiti a primeira ilha de população franceza onde fazia escala e tinha medo de manifestações muito entusiastas. Enganava-me, entretanto: minha passagem por Tahiti foi ignorada officialmente e minha permanencia ali muito socegada. Tive, no entanto, a satisfação de receber uma carta de felicitações do Sr. Georges Leygues, ministro da Marinha e que me causou grande prazer, pois era a primeira vez que recebia do governo uma prova de interesse pela minha tentativa.

Papeete não me causou desilluções, porque nada esperava. A cidade é habitada principalmente por mestiços e Chinezes. A população branca é composta de negociantes e de funcionarios que para ali levaram, uns o seu amor ao dinheiro, e outros, todos os preconceitos da civilização branca. Gostavam do que eu detestava e entre nós nada podia haver de commum, por isso vivi em Papeete a bordo do "Firecrest".



ALAIN GERBAULT NO MASTRO DO SEU BARCO

quasi tão isolado quanto no meio dos grandes oceanos. E' certo que o Papute de Loti estava bem morto, mas isso eu não lastimava, pois não era esse o que eu quizera conhecer e sim o dos primeiros navegantes europeus, o de Wallia, Cook e Bougainville, no tempo em que a civilização tahitiana estava no seu apogeu, com sua constituição feudal, seus maravilhosos poemas lyricos e suas danças.

Havia, entretanto, alguns pequenos de Tahiti para os quaes fazia excepção, porque gostavam de jogos e nelles reviviam as antigas virtudes da sua raça. Só elles tinham entrada a bordo do "Firecrest" que alegravam com seus cantos e risadas e commigo faziam interminaveis series de mergulhos e jogavam partidas de water-polo.

Deante do palacio do governador havia uma casa escondida pelo arvoredor, onde vivia, muito retrahida, "Marau Taaroa a Tati" que



GERBAULT EM TRAGE POLYNÉSIO COM UM JOVEN INDIGENA

fôra a esposa de Pomaré V. Ia visitá-la frequentemente e das minhas conversas com a que havia sido outr'ora a rainha de Tahiti, conservo indelevel lembrança e profunda gratidão por aquella que me fez conhecer um pouco as legendas do velho Tahiti, sua historia épica admiravel e sua litteratura maravilhosa.

O "Firecrest" recebeu em Tahiti uma vela grande nova e uma nova giba. Apressai-me, sentindo uma leve brisa, mas foi uma falsa partida porque a brisa cahiu antes da sahida da lagôa e a correnteza fez descahir o cutter para cima da massa de coraes nas proximidades da ilha de Motu-Atu. Saltando sobre o Recife, larguei o "Firecrest" ao longo da muralha a pique e depois, trepando novamente a bordo, voltei ao meu ancoradouro sem que o casco do navio tivesse um arranhão e adiei a partida para o dia immediato. No mar, os dias se seguem, mas não se parecem: no dia seguinte, o vento era forte demais. Sahindo da lagôa com facilidade por uma brisa fresca de sueste, fui surpreendido no canal por um pé de vento que deitava o "Firecrest" sobre o flanco e rasgava a vela grande desde cima até em baixo. Ao mesmo tempo, a ilha desaparecia sob o salteiro e a chuva violenta que o acompanhava. Recolhendo a vela grande, puz-me a fugir sob as tres velas de prôa, passando no dia seguinte á vista das ilhas Huahine e Raiatea, onde, infelizmente, não podia fazer escala.

Dois dias depois, a ilha de Borabora achava-se apenas a trinta milhas, com seu aspecto lu-

(Termina no fim do numero).



EMQUANTO O PILOTO DORME A GRANDE VELA VELA...

ca. Suas escalas principais foram as ilhas Bermudas, Panamá, onde teve de esperar semanas para poder sahir do golfo, eternamente calmo e alcançar as ilhas Galapagos. Em seguida foi directamente ao archipelago Gambier, subiu até ás ilhas Marquesas, desceu ao sul através dos recifes e escolhos das ilhas Tuamotou, alcançou Tahiti e as ilhas Wallia, onde um accidente terrivel immobilisou-o longos mezes. Depois de curta estadia na Australia, fez-se á vela para a ilha de "Reunion", dobrou o Cabo e, ultima escala, passou oito mezes nas ilhas do Cabo Verde. No principio dessa semana o "Firecrest" foi visto ao largo de "Belle-Isle" dirigindo-se ao Havre, onde está preparada uma recepção entusiasta ao intrepido navegante. Alain Gerbault aproveitou a sua permanencia nas ilhas do Cabo Verde para escrever a narração da sua segunda viagem, ainda mais assombrosa que a primeira. Será publicada breve, tambem nas edições Grasset, sob o titulo: "A la reconte du Soleil". Publicamos aqui um fragmento inedito desse diario: a chegada e a estadia em Tahiti.

Esperava muito de Tahiti e a sua belleza não me desapontou absolutamente. Com o pico do Orofenua perdido nas nuvens, o pico entranho e admiravel do diadema, os valles profundos descendo para o mar, a cintura de coral que a circunda em que o oceano quebra suas ondas, ella me pareceu a mais magestosa das ilhas que eu visitára e realmente a rainha dos mares do Sul.

No dia seguinte, vi que a cidade se estendia ao longo da praia, entre arvoredor, á beira mar. Os telhados em ferro ondulado das casas, o



TERCEIRO CONGRESSO ODONTOLÓGICO LATINO-AMERICANO

Em cima: grupo geral dos Congressistas. Em baixo: visita dos Delegados estrangeiros ao Ministro do Exterior





Sabbado da outra semana, no Parque Hotel, quando Tarsila inaugurou a sua primeira exposição no Brasil. Todo o Rio de Janeiro inteligente e elegante esteve lá. E lá tem voltado. Nunca uma mostra de arte interessou tanto a cidade. Os amigos da pintora, que tanto pediram a vinda della á terra carioca, estão contentes.

São de Antonio Ferro estas palavras: — A arte de Tarsila é a bandeira do Brasil. "Ordem e Progresso". Ordem, muita ordem. Tudo nos seus logares, tudo perfilado, numa attitude de parada militar. Faz-se a chamada ás arvores, aos moleques, aos comboios que estacionam deante das gares com o seu ar de brinquedos recém-nascidos... Todas as coisas respondem: "Presente!" Tudo grita, tudo grita mysteriosamente, sem se mexer... Um pouco de "image rie D'Epinal" e um pouco de escultura em madeira. Manipanso e brinquedo. A força de matériê, de acabamento, de recorte, as coisas, nos quadros de Tarsila, têm um relevo de aparição. Tarsila fará bem, na sua proxima exposição, de afixar, na sala, um cartaz com os seguintes dizeres: "E' prohibido tocar nos obje-



T A R S I L A
por DI CAVALLANTI

ctos expostos". O desprezo pela anecdotia e a paixão pela fórma, pelo objecto, vêm-lhe de Le-ger. ("Le bel object sans autre intention que se qu'il est"). Tarsila recebe influencias, como todos, mas tritura-as, immediatamente, na sua personalidade. A pintura de Tarsila é de Tarsila e do Brasil. Como as avenidas de New York, os seus quadros não precisam de titulos. Podem figurar assim no catalogo: "Brasil n° 1, Brasil n° 2, Brasil n° 3, etc., etc...". Tudo é Brasil: o Morro da Favela, a familia ca-bocla, o negro adorando a pomba do Espirito Santo, a theoria dos anjos. Bandeira amarella e verde... Ordem e progresso... a ordem das coisas e das figuras em continencia, o progresso d'uma pintura nova, d'uma pintura reveladora, universal e nacional...





Matte no Pavilhão do Paraná, um dos mais frequentados da Feira de Amostras.

Sociedade

Finalmente, Sergio da Rocha Miranda cantou coisas brasileiras e "Les nuits". Foi applaudidissimo. Estavam no "Coo d'Or", entre outras pessoas: senhor e senhora José Carlos de Figueiredo, senhor e senhora Roberto de Souza Coelho, senhor e senhora Jorge Honold, senhor e senhora Alvaro Lyra, senhor e senhora Plinio Uchôa, senhor e senhora Eduardo Ramos, senhor e senhora Gabriel Monteiro de Barros, senhora Lilian Hime de Castão Maya, senhor e senhora Alberto Faria, senhor e senhora Cezar Proença, senhor e senhora Paulo de Santo Dumont, senhora Portocarrero, srta. A. de Mello, Conde Dejean, Embaixador da França, Ministro da Rumania, Ministro da Polonia, senhor, senhora e senhoritas Frederico Burlamaqui, senhor Paulo Goulart, senhor e senhora Marianno Procopio, senhores Victor Cunha, Octavio de Souza Dantas, Octavio Reis, Joaquim Proença, Virgilio Mello Franco, Leão Velloso, Ruy de Carvalho, Tristão da Cunha, Barão de Thénard, E. Ledoux, etc.

Sabbado, continuou a peregrinação elegante iniciada quinta-feira. Inaugurou-se no Palace-Hotel a exposição de pintura dessa extraordinaria artista Tarsila. Presentes, as figuras mais representativas das artes da sociedade lá estavam: senhor e senhora João Peixoto, senhor e senhora Octavio Simonsen, senhor e senhora

Alvaro Moreyra, Gilberto Trompowski, senhor e senhora Santos Lobo, senhor e senhora Almirante Marques Couto, senhora Pasternack, senhor e senhora Alberto de Faria, senhor e senhora Plinio Uchôa, senhor e senhora Pontes de Miranda, senhor e senhora Di Cavalcanti, senhor senhora João Cartier, senhores Tristão da Cunha, Manuel Bandeira, Vasco da Cunha, Paulo Goulart, Morillo Mendes, Antonio Bento Edmundo da Luz Pinto, Brutus Pedreira, Octavio Guinle, Manoel de Abreu, Mario Pedrosa, Sergio da Rocha Miranda, Oswaldo Goeldi, Victor Cunha, etc. Às 6 horas da tarde, o salão do "Chá Russo", na Feira de Amostras, dirigido pela illustre senhora Zuleika de Mayrinck estava repleto.

Entre outras pessoas: senhor e senhora Antonio Prado Junior, senhora Herminia Prado Monteiro de Barros e outras pessoas grandes.

No Dia do Botão de Ouro



A semana que passou foi uma das mais brilhantes da presente estação.

Quinta-feira, o recital da senhora Eugenia Alvaro Moreyra constituiu no Theatro Casino, uma das noites mais notáveis de arte e de elegancia da presente temporada.

Sexta-feira, "première" de "Grosse de riche", no Lyrico e depois, ceia no "Coo d'Or".

O "Coo d'Or" esteve um deslumbramento.

Não havia um só lugar vago.

Foi uma noite adorável pelos imprevistos que apresentou.

Primeiro, Alice Cocea, a deliciosa Condessa de la Rochefoucauld cantou o "C'est un petit quelque chose", de "Lulu".

Foi um successo para a fina comediante que ora nos visita.

Logo a seguir, o grande comico Milton não se fez de rogado e convidou para que o acompanhassem no famoso "réfrain" "La fille du bédouin". Milton esteve simplesmente encantador.

ANTROPOPHAGIA



gente culta de S. Paulo resolveu acreditar na antropophagia... O demonio do José Clemente

diz-me que é o primeiro movimento serio que se faz no Brasil. Movimento sem literatura, fecundo, positivo, destinado a investir contra a estupidez historica dos catechizados de Anchieta. Terá razão? E' sempre difficil achar a verdade entre os carnivoras pensantes do valle do Anhangabahú. O paulista moderno é um troglodyta amavel e cheio de intenções. Suas tendencias literarias marcham para o symbolismo das côres vivas, fortes e brilhantes, com que esmaga o forasteiro atordoado das peninsulas, dos sôes mediterraneos ou das brumas scandinavas. Suas preferencias historicas ou ethnographicas caminham para o silencio de laboratorio: entre quatro paredes brancas e frias, uma pinça, uma retorta e um antro-poide. Psycho-analyse da raça, desejo de mostrar que não temos nada com a burrice alheia, que suportamos a carne e o leite porque não

ha cousa melhor no mercado, que somos, afinal de contas, boas pessoas trabalhadas por mãos conselhos e terriveis principios freudianos... Conta-nos a lenda que durante muito cercos viram-se os paes esfomeados devorar os proprios filhos. Ugolino, os romanos ao tempo de Commodo e os naufragos da fragata "Medusa" são os grandes antropophagos da historia. O irrequieto bispo sardinha, devorado com toda a tripulação, pelos indios cahetés, não deixou testamento aberto nem cerrado. Mas o pessoal da terra roxa parece disposto a defender, de qualquer forma, a memoria do terrivel inimigo do desabalado governador Duarte da Costa. Morubixadas e carijós repetem, de mãos postas, o nome do bispo famoso. Não se esquecem, comtudo, de examinar as cotações da bolsa, o cambio politico e o preço do cafe. Uns empacotam notas de um conto, outros vão até as margens do Nilo e tiram photographias montados em camellos, em pleno deserto. E' por isso que eu não acredito nos antropophagos paulistas: um tanto epicuristas tranquillios, ironicos, assignantes de banhos de sól, querendo nos transformar em fantoches. Esses paulistas...

*Bezerra
de Freitas*





O Presidente Júlio Prestes e o secretario do Interior, Dr. Fábio Barreto, chegando ao Congresso do Estado.



Os secretarios de Estado Drs. Salles Junior e Fernando Costa e varios congressistas á porta do Congresso do Estado.



ALGU-
MAS
REA-
LIZA-
ÇÕES
DO
GO-
VER-
NO
JÚ-
LIO
PRES-
TES

O povo ao redor do monumento de S. Paulo, em frente ao Palácio do Governo, assiste a chegada do Presidente Júlio Prestes.



O presidente Júlio Prestes e o vice-presidente Dr. Heitor Penteado, as altas autoridades militares federais e secretários de Estado na recepção em palácio.

A nota sensacional da semana musical que findou foi, sem dúvida, o concurso de piano para premio de viagem à Europa. Candidatos todos mais ou menos equilibrados, muito conhecidos no nosso meio, cada um representava a esperança de victoria de um grande partido. De modo que o concurso de correu num ambiente fortemente animado, sendo a execução de cada peça coroada com verdadeiras ovações. Tudo isso é muito animador, por isso mesmo, muito justo. O applauso do publico, muitas vezes, coroando os esforços de um artista intelligente, compensa-lhe todos os sacrificios que faz para se manter artista em um meio em que tudo é tão difficil!

Ainda bem, pois, que o publico soube ser gentil com todos os concorrentes, ovacionando-os por igual, para que se sentissem estimulados até a hora da proclamação do victorioso.

O victorioso, no caso foi uma victoriosa: — a senhorita Dora Bevilacqua, pianista de incontestavel merito, cheia de excellentes predicaos, mercê dos quaes ainda poderá vir a conquistar os maiores triumphos na carreira. Por estas mesmas columnas já tivemos occasião de fazer as mais entusiasticas referencias ao bello talento de Dora Bevilacqua. Conferindo-lhe o Premio de Viagem, por maioria de votos, o Jury do Concurso veio provar que não andavamos errados no nosso juizo.

Secundou Dora Bevilacqua, na votação, o concorrente Arnaldo Rebêllo, que, se não conseguiu reunir o numero de votos sufficientes para lhe assegurar a victoria, conseguiu, entretanto, uma declaração de voto de Emil Frey — membro do jury — a qual vale por uma consagração.

Effectivamente, o celebre pianista, votando na candidata Ilara Gomes Grosso, declarou "sentir não poder repartir o premio com o concorrente Arnaldo Rebêllo". E tinha toda a ra-



Arnaldo Rebêllo veio-nos do Amazonas longinquo. Artista de estranha sensibilidade, elle é, como temperamento, não como o Amazonas monstro do Inferno Verde, mas como o Amazonas suave dos luezes de prata, não como o Amazonas indomavel das florestas bravias, mas como o Amazonas romantico das lendas maravilhosas... Um temperamento de poeta, poeta da musica, poeta das harmonias que envolvem o espirito de commovida suavidade, poeta do piano...

Elle annuncia para muito breve o seu recital no Instituto de Musica. Será uma hora boa de encanto, para os que sentem a musica, na sua expressão emocional, que nem todos os que são pianistas sabem comprehender para transmitir.

DE MUSICA

zão o bravo pianista suizo, que acaba de nos deixar. Arnaldo Rebêllo constitue um caso aparte entre os nossos estudiosos da musica.

Elle não é apenas um temperamento artistico excepcional, porque é tambem um grande apaixonado da sua arte. O seu curso de

piano, rematado com o Primeiro Premio — Medalha de Ouro — foi brilhante, mas foi feito entre sacrificios, que elle enfrentava corajosamente, confiante no dia de amanhã que seria compensador, como ha de ser fatalmente.

Artista real, pelo temperamento e pela sensibilidade, estudioso, o seu maior sonho é a carreira de virtuose do teclado. Para poder apossar-se de todos os elementos a isso indispensaveis, pensou em ouvir os conselhos de uma grande summidade pianistica europea. O Premio de Viagem escapou-lhe, por pouco, das mãos. Seria o caso do Governo do Estado do Amazonas ir ao encontro de suas aspirações, extendendo-lhe a mão generosa e protectora. Uma pensão para que Arnaldo Rebêllo possa aperfeiçoar-se na Europa, é o premio justo que todos esperam do Grande Estado maravilhoso do Norte.

E depois, temos disso certeza absoluta, virá a compensação fatal, porque Arnaldo Rebêllo, por onde quer que vá, será sempre um vehiculo de sympathias, um pretexto de applausos, um motivo de glorificação para o proprio Amazonas.

No momento em que o formoso Estado Nortista começa, a refazer-se, ahí fica o appello para que não deixe estiolar-se inutilmente o excepcional talento musical de Arnaldo Rebêllo, indiscutivelmente um dos mais completos da nova geração artistica brasileira.

O Jury do Concurso, como dissemos linhas atraz, dividindo-se entre Dora Bevilacqua e Arnaldo Rebêllo, conferiu a Ilara Gomes Grosso o voto de Emil Frey, que reconheceu assim, não apenas os meritos pessoais da candidata, mas, ainda, fez justiça aos predicaos da escola pianistica em que foi educada — a de Barroso Netto, a quem Emil Frey igualmente premiou com a concessão de seu voto.



No Club de Regatas Botafogo
durante o baile que ali se rea-
lisou sabbado passado.

Pagú

Desenho de Di Cavalcanti

Pagú está no Rio

Veiu com Tatsila, An-
nita Malfatti, Oswald de
Andrade

Não veio para vêr a ci-
dade, as praias, as monta-
nhas, as vitrinas

Veiu

Sem complemento

Pagú aboliu a gramma-
tica da vida

A analyse logica foi um
preconceito da Escola
Normal

Pagú parece um leão,
uma arvoresinha de en-
feito, um léque japonex

Mas de perto a gente



acerta: é uma menina de
cabellos malucos que ella
nunca penteia.

Pagú não tem modos

Tem genio

Faz poemas

Faz desenhos

Os poemas se dependu-
ram nos desenhos e ficam
gritando

Quem passa para

Éta pequena notavel!

Pagú é o ultimo pro-
ducto de São Paulo

E' o annuncio luminoso
da Antropofagia

A...





G A I V E S T O N

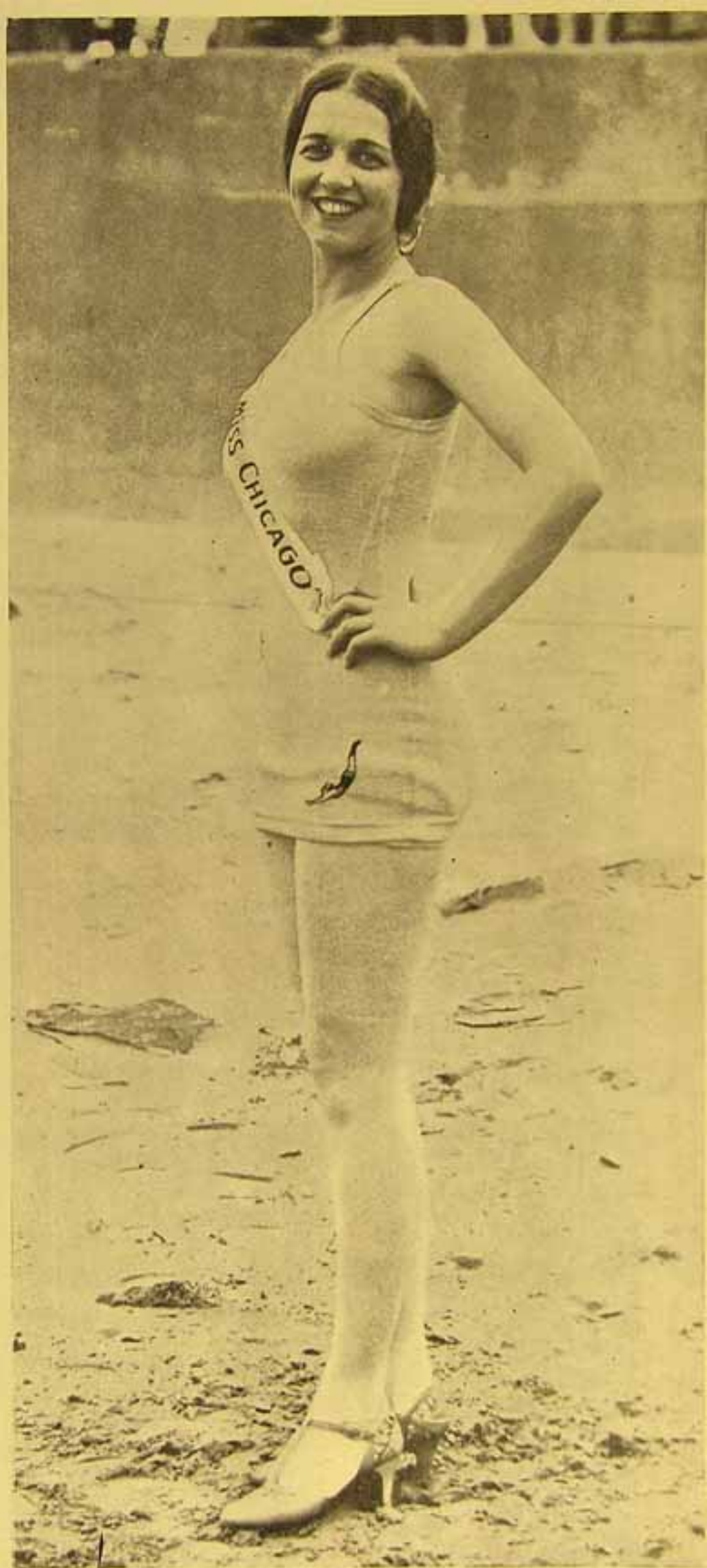


Em cima: o hotel onde esteve hospedada Miss Brasil. No meio: o Auditorio Municipal, com capacidade para 5.000 pessoas e onde foi escolhida a vencedora do concurso. Em baixo: um aspecto da praia celebre.





MISSES NORTE AMERICANAS





M i s s e s

Em cima, Miss Uni-
verso. Em baixo e no
centro, lindas misses
americanas.





Photographias que nos ce-
deram os nossos queridos
camaradas do "Correio da
Manhã"

M i s s e s





MISSES NORTE AMERICANAS





Miss Brasil com a senhora Bergamini de Sá, a pianista Dyla Josetti e outras pessoas durante a festa que lhe ofereceram em New York. Em baixo, outras misses norte-americanas que não foram Miss Universo...





Aracy Côrtes, primeira figura do elenco do Recreio, a mais brasileira das actrizes brasileiras.

O Destino do João Caetano

Estão bastante adiantadas as obras do Theatro João Caetano. Vae ser uma bella casa de espectáculos, de linhas exteriores modernissimas e interiormente, do maximo conforto. Terá ao que me informaram 1.400 logares e a caixa é ampla bastante para que permita a exploração de qualquer genero theatral.

Concluido o novo theatro, não faltarão pretendentes. Não se conhece, ainda, o pensamento do Prefeito acerca do destino que lhe será dado. Pôde-se, porém, ter a certeza de que a Prefeitura não o explorará directamente. O regimen será o mesmo do Municipal, o arrendamento, com um contracto complicadissimos que afasta os bem intencionados e que nunca pôde ser executado integralmente por inexequivel? E qual será — e este é o aspecto da questão que quero focalisar — o genero theatral admittido, e que especie de companhias agasalhará o João Caetano?

A Prefeitura possui o Municipal que, mediante certas condições, entrega a estrangeiros para temporadas de companhias estrangeiras. Empreheendimentos brasileiros são admittidos ali por favor, e nenhum concessionario do Municipal, nem por longe, encara a possibilidade de gastar seja o que for em uma tentativa de theatro nacional brasileiro, muito embora empregue dezenas de contos em negócios, de antemão fracassados, como, por exemplo, companhias italianas de comedia.

A Prefeitura possui, mais, o Theatro Casino, que passou a outras mãos, por um contracto de arrendamento a longo praso. A empresa commercial que o detem e que dispendeu, no acabamento do edificio, vultuoso capital, procura realisar negócios com lucro certo, e assim, muito naturalmente, desinteressa-se de tentativas, de provento duvidoso. O resultado é que com o Casino não podem contar os que desejam realisar alguma cousa interessando a arte theatral brasileira.

Assim, dois theatros da Prefeitura destinam-se a temporadas de companhias estrangeiras. Vae possuir, elle, agora, o terceiro. Dar-lhe-á o mesmo destino? E' o que todo o mundo pergunta.

Era tempo, todavia, de cuidar do nosso theatro. Por que não ha de o Prefeito reservar um dos tres theatros da Municipalidade, construidos com o dinheiro do contribuinte brasileiro — ou estrangeiro que o ganhou aqui — ao theatro brasileiro, exclusivamente?

Não coíhe o argumento de que não existe theatro brasileiro. Isso, como já tenho affirmado, é um círculo vicioso. Não podemos armar tendas na rua para exhibir artistas nossos que desejem demonstrar a sua existencia. Se, no entanto, o João Caetano fosse destinado a quaesquer empreheendimentos desse genero desde que os promotores fossem julgados energias idoneas, estou certo de que renasceria o nosso theatro, e entraríamos em uma phase de realisações interessantissimas. Para tanto bastava que não houvesse um concessionario, mas muitos, cada qual com um praso restricto de permanencia e um programma a cumprir.

Que fará o Prefeito?

A que aos irá parar o João Caetano?

Mais uma vez vae ser jogada a sorte do theatro nacional.

MARIO NUNES.



"Tsar Saltan", tres scenas.



Scenarios de J. Bilbine.

**Opéra
Privé
de
Paris**

Maria Kouz-
nezoff-Masse-
net, Alfrede.



**Contratada
pela
Empresa
Viggiani**

Massenet,
Korovine,
e Zodin.





Petruskas Tautovskiy
em "Princelgor".



Joukowitzh
em "Princelgor".



Maria
Koussnezoff
Massenet
como ella é e nas operas
Roma e Thaïs



Opéra Privé de Paris

QUE VAMOS TER NO
THEATRO LYRICO.

Exposição de Cerâmica Russa na Manufatura Real de Sèvres



Caçadora
Manufatura de Gardner

do "tempo antigo", das muitas que se viram obrigadas, já no fim da vida, a deixar sua pátria, sob ameaça de morte. Ella mostrava as vitrines a dois netinhos, dizendo-lhes: "Venham, venham, vou mostrar-lhes e contar-lhes como se vivia antigamente".

E ella falava á medida que as estatuetas e as figuras pintadas nas chicaras e pratos iam despertando as recordações na sua alma saudosa... E as crianças arregalavam os olhos, admiradas, ao ouvir a historia de coisas que nunca tinham visto e que nunca chegariam a ver.

O que está nas vitrines da exposição não é apenas uma historia da cerâmica russa; é mais do que isso: é a historia da Rússia "e a cerâmica". Esta historia apresenta dois aspectos; primeiro a Rússia official, a Corte; segundo, a Rússia burguesa, domestica, camponesa, popular.

A primeira começa no reinado da imperatriz Elisabeth, filha de Pedro o Grande (1741), pois foi a fundadora da Manufatura Imperial que se devia tornar tão afamada. E' pois com o estylo Luiz XV e sob a direcção de artistas de Sèvres que principia a cerâmica russa. Por isso, os objectos dessa época pertencem ao mesmo estylo "pseudo-classico" em que a nossa poesia de então celebrava as victorias das armas russas, o nascimento dos príncipes de sangue, as virtudes dos soberanos e principalmente das soberanas. Ha como que um surto de apothose em volta dos objectos e dos retratos dessa época.

E temos, depois do "panache" do século XVIII, a rigidez militar das massas disciplinadas. Depois das apothoses fantasticas, quasi mythologicas, eis a geometria marcial dos rei-

nados de Alexandre I' e de Nicolau I'. Em paiz algum, talvez, como na Rússia, durante a primeira metade do século XIX, o soldado, o uniforme, o regimento, toda a "esthetica" militar emfim, dominaram tanto a pintura.

E', pois, natural que o elemento militar occupe um lugar importante na arte decorativa. Não esqueçamos que o começo dessa "moda" coincide com a época napoleonica, o que explica o caracter "Imperio" dos fundos architecturaes e até as proprias paisagens. E' preciso notar que nem a invasão de 1812, nem a queda de Napoleão, em nada influíram para a preferencia desse estylo que, na Rússia, continuou a predominar mesmo depois de substituído nos outros paizes pelo falso-gothico. Na Rússia, o romantismo foi introduzido pela poesia e não pelas artes plasticas; e pode-se ver numa das vitrines o retrato do poeta Jonkovsky, pae do romantismo russo, decorando uma chicara de estylo Imperio.

Eis, em poucas linhas, como é apresentada a Rússia official. Não é, porém, a única: ha, nas mesmas vitrines, uma multidão de estatuetas que evocam uma Rússia burguesa, camponesa, operaria.

Em toda a exposição, são as estatuetas que têm um cunho russo mais pronunciado: são incontestavelmente russas. Pelo lado ethnographico, constituem um "documento"; e mais ainda, são um documento "social" pela variedade de classes e officios que representam.

E é este facto que tem concorrido para a maior parte do seu successo junto ao publico. O lado "official" da vida é quasi o mesmo em toda parte; não é nem nas Cortes, nem nos salões, nem nas revistas militares que se encontra a cor local. E é este o motivo porque o interesse do publico (e, "ipso facto", o successo da exposição) é despertado não pelas imperatrizes, pelos soberanos ou pelos generaes, mas pela leiteira, pelo marceneiro, pelo burguez da provincia, pelo modesto proprietario rural, pelo camponio voltando da lavoura no seu cavallo cansado, pela ceifeira e, principalmente, pela mimosa carregadora d'agua que se tornou como que o emble-

ma da exposição. Estas figurinhas representam de um modo

variado e pittoresco, a fusão das duas correntes de que falámos acima: a importada e a que brota do sólo patrio. Confundem-se aqui, do mesmo modo que o realismo do assumpto se funde á maneira um pouco romantica de o tratar. Ha nisto tudo um lado "além da vida" cheio de encanto, um elemento de "humour" que é essencialmente humano e que o artista accrescenta á natureza. Tudo isto justifica o lugar de honra que as nossas figurinhas conquistaram junto ao publico.

Uma das vitrines está occupada por coisas exquistas, de uma arte rude de processos primitivos. São especimens de cerâmica popular em terra envernizada. Arte utilitaria que se dedica principalmente aos objectos de uso domestico e um pouco á fantasia. Vemos porbas-castigas, um peixe-pucaro, agulhas de duas cabeças servindo de frascos, etc. Alguns animaes simples, sem utilidade que não seja alegria esthetica: um cão, um leão, etc. E' como que o folklore da cerâmica; arte do campo que não tem data, que não é velha, nem nova e que é de todos os tempos. Distinguimos nellas, entretanto, infiltrações de "civilização" que são engraçadas, porque inesperadas; e não é que vimos um centauro nessa mesma vitrine?...

Procurei dar uma idéa, em poucas palavras, do que evocavam em mim os objectos expostos.

O que a avó contava a seus netinhos era, sem duvida, mais interessante; mas quem poderá contar historias como uma avózinha?...

(PRINCE SERGE WOLKONSKY)



Vendedora de bugingangas
Manufatura de Popov



Mulher da Georgia
Manufatura Imperial



Peixeira
Manufatura de Gardner



Aguadeira
Manufatura Imperial



Mãezinha
Manufatura de Gardner



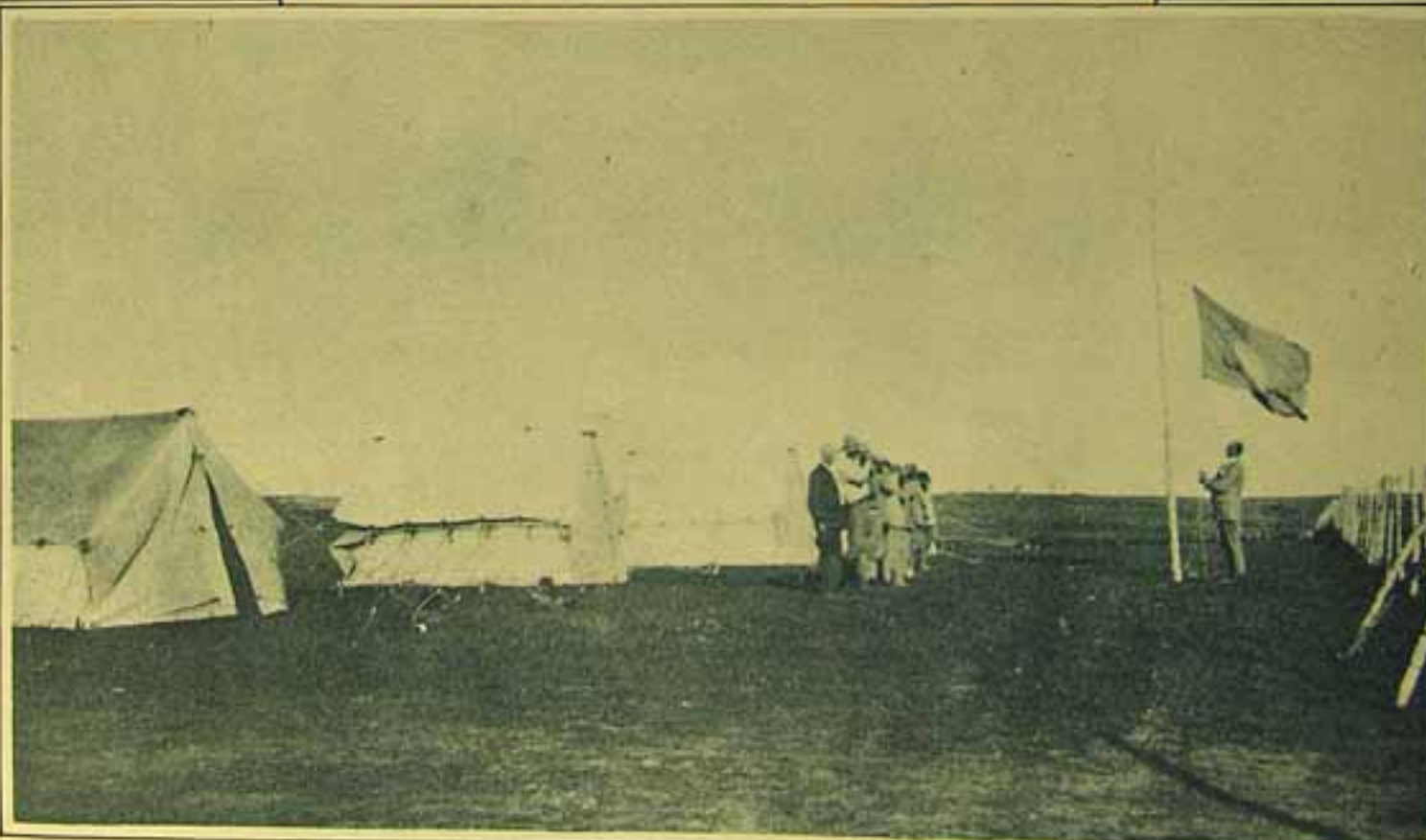
Brasil e Uruguay



Comissão de limites.
Guahiju'. Ponto impor-
tante da fronteira, vendo
se à direita um marco da
Comissão de 1852, e o
acantonamento da Com-
missão Brasileira.

Primeiro marco interca-
lado na linha Secca, a 70
metros do marco da
Comissão Andréa,
junto ao Cemiterio da
Serrilhada.

Cerimonia diaria do
hasteamento da ban-
deira nacional.





guarda dissera-lhe que se podia ir embora. Turibio mirava-o, olhos abertos e fixos. Tinha uma expressão de doido. Ia para perguntar o que quer que era,

mas, a um movimento do outro, ueteve-se, humilde. O guarda deitou-lhe a mão ao hombro, muito calmo:

— Anda, põe-te lá fora...

— Lá fora...

Os olhos abriam-se-lhe desmesuradamente. Hesitava; afinal decidiu-se:

— Lá fora — e indicava a porta aberta, dando para o pateo. — Lá, na rua?

— Na rua, sim. Anda, põe-te lá fora.

Turibio passava a mão pela cabeça, olhava estupidamente. Desceu a mão pela nuca, passou-a pela barba hirsuta e crescida. Olhava. E arriscou umas palavras, a modo:

— Posso ir para casa?

O outro desatou a rir:

— Como é? Para casa? — e ria-se. — Queres ir para casa, não é?

E achava-lhe graça. Queria ir para casa; era boa! Veiu-lhe um acesso de tosse. E repetia:

— Com que então queres ir para casa, hein?

Turibio calara-se, cabeça baixa. Esteve assim um pouco; levantou a cabeça por fim:

— Não, senhor... — e desculpava-se, muito humilde. — Não queria ir para casa. Lá, mas era se V. S. me dresse licença... — e apparentava um sorriso; as palavras saíam-lhe a custo. — Não era porque eu quizesse, não senhor; — embargava-se-lhe a voz na garganta — ia porque V. S. me estava mandando embora. Mas V. S. desculpe...

Falava como uma pessoa a quem se acenasse com uma esperança para fazê-la desaparecer desde logo. E repetia com a voz estrangulada:

— V. S. desculpe... Pois se eu nem me quero mais ir embora!

O guarda tinha os olhos cheios de lágrimas, à força de rir. Queria ir para casa, o diabo do homem! Enxugou os olhos, levou o lenço à bocca. E, agarrando-o por braço:

— Queres ir para casa, não é? Pois vae.

Tossia; levou outra vez o lenço à bocca:

— E' boa! Pois vae... Vae, se a encontrares! O que é preciso é que te não demores por aqui. Põe-te na rua, anda!

Empurrou-o, bateu-lhe a porta nas costas. Turibio ficou parado no pateo, a olhar para fora. Deu uns passos, correu os olhos pelas paredes, altas, distantes. Moveu os braços, respirou forte. Para lá da porta ficava a sala de espera, vasta, caiada de novo. Elle atravessou-a. Mas, pelo corredor ao lado, vinha um sujeito de olhos. Turibio parou, tímido. Não fosse mandado para dentro. E ficou á espera, tremulo, resignado.

O sujeito vira-o, acenava-lhe com a mão:

— Seja feliz, hein, irmãozinho! seja feliz! Veja se nos não torna a ocupar.

Elle acompanhava-o com os olhos, indeciso, surpreso. Dum banco proximo, agarrado à parede, meio occulta pela sombra, surdara uma figura esquelética de mulher. Embrulhava-se num chale, tinha um pequeno ao colo. E foi para o dos olhos; cumprimentava com a cabeça, a fala em pranto, os olhos cheios d'agua:

— Senhor doutor... Eu vinha para visitar o 18.

— A's terças, filha; às terças é que são as visitas. Está lá na porta; é a ordem. Venha depois de amanhã. E' a ordem; às terças é que são...

E sumiu-se por uma porta. A mulher teve um gesto de desanimo; ageitou o pequeno ao hombro, poz-lhe o chale pela cabeça e sahiu. A' frente da casa, o jardineiro regava duas enfezadas palmeiras, em tiras, irrompendo dentre muitas de tinhorões rubros. Turibio seguira; desceu os dois largos degrãos de pedra da entrada, pisou o cascalho do jardim. Ia para transpor o portão, mas o jardineiro deteve-se e olhava-o. Elle arriscou um cumprimento:

— Deus Nosso Senhor lhe dê bons dias, patrão!

— Deus o salve a você! E que permissão que nunca mais o vejamos cá por casa.

Turibio agradecia:

— Muito obrigado ao senhor! Deus que o permita! — e enchia-se de coragem. — Deus que o permita. Olhe, muito obrigado ao senhor!

Sahi; mas da rua voltou-se ainda para traz. O jardineiro curvara-se, cuidava plantas. O sol cahia do alto, rutilo, sobre o aspero cascalho lucido do jardim. Perto, ao alto morro, badalavam sinos; e da capelinha para cá derramava-se o casario do povoado, atabalhoadamente, pintalgado de côres vivas. Turibio mirava a casa. Ha doze annos era acanhada e humida; pelo telhado limoso e negro, á sombra de copadas arvores, desoladas plantas rachiticas finavam-se, baldas de calor. Agora, erguia-se para o sol, vasta e nova. E as janellas, as grades de ferro tinham uma coloração artistica de bronze.

Abanou a cabeça; olhou ainda um pouco. Seguiu afinal, ia embora. O jardineiro, porém, vira-o parado, e teve uma idéa. Correu á porta, chamou-o:

— Eh lá, ó amigo! — e gritava — O' amigo! — e, sardonico: — Onde diabo vae você assim?

Elle parou. Fez-se-lhe um nó na garganta. Uma coisa gelida subia-lhe, rapida, á cabeça. Tremiam-lhe as pernas.

— O' amigo! Olhe, faça favor...

Turibio veio. O que elle entrevira ha pouco, o que elle sonhára, tudo lhe desabava de repente. Sentia-o ruir no cerebro. Veiu, não porque o quizesse; as pernas traziam-n'o, máo grado seu. Entrou. Tinha as feições desfiguradas. Passou a manga da camisa pelos olhos; ia para subir os dois largos degrãos de pedra. O jardineiro agarrou-o:

— Onde diabo vae você, homem?

Turibio sacudiu-se num impeto, para se desvencilhar do outro:

— Vou p'ra cima... Lá p'ra cima...

E num desabafo:

— Lá p'ra cima, p'ra o inferno!

— O' homem de Deus! — e o jardineiro parecia arrependido de o ter chamado. — Que pensa você que a gente lhe quer? — o outro olhava-o; não comprehendia coisa nenhuma. — Você quer ir embora, quer? Se quer, olhe que já aqui não está quem falou. Co'os diabos! A gente até se arrepende de lhe querer fazer bem!

Fazer bem; queria-lhe fazer bem. Turibio ficou olhando, calado. O jardineiro falava, batendo-lhe no hombro:

— Vae você por ahí, sem casaco e sem chapéo; a gente chama-o, e põe-se você com essa cara que até dá vontade de lhe voltar as costas, para a não ver.

E elle recordava-se. E, ia por ali sem casaco e sem chapéo. Mas tinha-os em casa. E concordava:

— E', vou... Mas tenho-os em casa.

— Em casa, onde?

— Em casa, lá em casa.

O outro sacudiu a cabeça:

— Qual! você até parece que não entende as coisas. Que casa é que você tem? onde é? Que diabo é que você tem casa?

— A minha roupa... — e como lhe houvesse recordado alguma coisa melhor — a minha filha!

Enchia-se-lhe o rosto de júbilo; aquella idéa da filha. Brilhavam-lhe os olhos. O jardineiro fitou-o; talvez duvidasse da seriedade do que elle estava dizendo. E não lhe tirava os olhos de cima; não lhe perdia uma contracção, um movimento. Afinal:

— Você está falando sério?

Turibio nem lhe escutára a pergunta. Repetia muito baixo, sómente para si:

— A minha filha!

O outro teve um gesto de piedade.

— Olhe, 22, venha cá... — e passu-lhe o braço pelos hombros. — Venha cá commigo. Você parece-me um bom homem.

Turibio deixou-se ir; parecia que já se não recordava de mais nada do que lhe estava em redor. Calara-se, alheio a tudo, como quem mergulha num sonho. Foram pelo corredor, ao lado da casa. Ao fundo era o quarto das ferramentas, pequeno, de taboas. Entraram. Dependurado do tabique, pendia a roupa de uso. O jardineiro tomou de um "paletot" esverdeado, roto:

— Escute, 22. — Turibio olhava em toda, átóa. — Escute. Leve isto para você. Tenho tambem ali um chapéo velho. — O outro mirava-o, pasmo. — Está um pouco velho... — elle dizia-lhe que não, com a cabeça. — Está, mas que diabo! antes um casaco roto do que nenhum. — Turibio fizera um gesto de recusa. — Leve-o, eu tenho outros; comprei-os ha dias.

E poz-lhe o casaco aos hombros; ajudava-o a vestir as mangas:

— Você ha pouco estava com medo, não era?

— E' que... O senhor sabe, é que ás vezes a gente... — passava a manga do casaco pelos olhos, para enxugar as lágrimas; ria-se. A gente, ás vezes, sabe lá o que tem.

O jardineiro examinava-lhe a roupa:

Obra Completa

Conto de Pedro Rabello

Desenhos de Oswaldo Goeldi

— Fica-lhe a matar! Olhe, é só para ver.

Foi a um canto da parede, agarrou lá um pedaço de espelho, colado a um retalho de cartão, preso por tiras de papel de côr; pô-lo diante dos olhos de Turibio, obrigou-o a segural-o:

— Veja só. Olhe que nem de encomenda!

Fel-o voltar-se de costas. Olhava.

— Nem de encomenda! Parece que foi fito para você!

Turibio tomou do espelho, fitou-o um pouco, levantou-o mais, para ver bem. Passava a mão pela barba, pelo rosto magro, pelos cabelos crescidos. O rosto delle, muito pallido, muito grave, contrastava com o do outro. Palpava com os dedos as covas amarelhas da face. Ficou muito tempo, olhando. E abanava a cabeça, com um ar desolado, em silencio.

— Hein? — perguntava-lhe o jardineiro. — Que tal? Está-lhe a matar!

— E' — e Turibio voltava-se para elle, muito sério. — E' uma esmola que eu lhe hei de pagar. A gente neste mundo sempre se encontra, mais dia, menos dia.

— olhava para a porta. — Bem, eu vou indo. — e esperava ver se o outro lhe não dizia nada. — Eu vou indo. Muito obrigado ao senhor!

— Nem por isso!

— Deus Nosso Senhor é que

lhe ha de dar o pago.

Sahi, chapéo na mão. O jardineiro acompanhava-o; levou-o até a porta, á entrada. Elle voltou-se ainda:

— Deus lhe dê muito ao senhor, e que lhe não falte.

Demorou-se um pouco, a olhar para os lados, como quem se orienta. O caminho fazia uma curva á esquerda; seguia, ladeando cercas; subito, descia para o valle. A' direita, era o povoado, em morro ingreme. E abaixo delle, para longe, através dos campos, quasi na orla azulada dos montes longinquos, sumia-se a linha de postes da via-ferrea — onde por neblinosas madrugadas e asperas tardes frigidias, ferreos, pesados,

" tinha um pequeno ao colo..."



combos rolavam, abalando o silêncio de em redor. Turibio tomou a esquerda; andava a custo, com esforço, com fadiga. Por vezes, iluminavam-se-lhe os olhos, murmurava muito baixo: — "A minha filha!" Num ponto, deteve-se, mirou o sol — "Pr'a mais de onze." E seguiu a estrada, em declive, ajudava-o a descer. Puxou o chapéu para o rosto. Em baixo, onde começavam os campos, deteve-se ainda. O caminho cansava-o; respirou, comprimindo o peito. E foi por um atalho, por entre terras húmidas, para lá, muito longe, onde arvores se erguiam e uma torre tocava o céu. Mas, dentre sáfaras moitas hispidas de hispídos espinheiros, uma dulçorosa, tremula toada surdiu:

Peito que foi magoado
Bóte pr'a fóra a paixão.

Um homem vinha, pela estrada. Passou através dos espinheiros, desapareceu numa curva, surgiu afinal, adiante. Cantava. E a voz d'elle, nostálgica e saudosa, espalhava-se, nítida, pelo ar:

Peito que foi magoado
Bóte pr'a fóra a paixão;
Amor não pôde morar
Onde mora a ingratidão.

Demorava-se, numa ultima nota, e numa outra nota prolongada, repetiu:
Aaaah...

Amor não pôde morar
Onde mora a ingratidão.

Turibio parou: o homem vinha para elle. Tirou o chapéu:

— Com perdão do senhor, hein. Fazer parar assim uma pessoa... E' que eu queria ir para a Santa Thomazia. Já nem sei mais onde é.

— Santa Thomazia?
— E'. Santa Thomazia. Eu tenho lá uma filha.

O homem reflectia — "Santa Thomazia. Santa Thomazia". E, alteando a voz:

— O senhor quer ir para a Santa Thomazia?

— E'.
— Veiu de muito longe?
— Vim lá de cima.

Turibio apontava o morto, distante, para lá da linha de postes da via-ferrea.

— Da banda da Cadeia Nova?
— E'. Da banda da Cadeia.

O homem fazia por se recordar onde era a Santa Thomazia:

— Santa Thomazia... O senhor já lá esteve?

— Ha tantos annos!
— Muitos, pr'a mais de dez?

Turibio encolheu os hombros:
— Já lá se vai tanto tempo!

O outro ficara em silencio; mas, afinal:

— Pois, por aqui não ha nenhuma Santa Thomazia, não.

— E' que o senhor não se lembra. Havia lá uma fazenda, grande. Era a um bocado do cemitério. Até a capellinha pegou fogo.

— Ah! a capellinha pegou fogo?

— Pegou.

— Se sei! O senhor dizia que era Santa Thomazia. Agua Nova sei eu que é! Fica perto da fazenda da Saudade, não fica?

— Fica logo adiante.

— E até a capellinha pegou fogo?

— Pegou fogo.
— Não havia eu de saber onde é a Agua Nova! Pois se lá até foi que mataram o filho da fazendicira.

Turibio fez-se pallido, voltou o rosto, levou a mão á barba. Depois, muito tranquillo, muito devagar:

Houve lá uma morte, na Agua Nova. Agora, ha pouco tempo?

— Pouco tempo! Só doze annos sei eu que ha.

— Doze annos... e elle contava pelos dedos... Doze annos... E mataram um homem?

— Mataram.

— Mataram... e elle continuava, a meia voz — Mataram... Quem sabe lá se o teriam morto agora! Quem sabe lá? Depois, mais alto:

— E que matou foi preso? — O homem dizia-lhe que sim.

Foi preso... Sabe o senhor o que é ser preso, hein? Sabe o que é? Preso sempre, sempre, sempre.

Ah! — e rangia os dentes, de raiva. — Sabe o que é?

O outro olhava-o, desconfiado, muito sério. Turibio calára-se; fitou-o um pouco, baixou a cabeça. Acalmava-se. Depois:

— E que matou foi preso? — O homem dizia-lhe que sim.

Foi preso... Sabe o senhor o que é ser preso, hein? Sabe o que é? Preso sempre, sempre, sempre.

Ah! — e rangia os dentes, de raiva. — Sabe o que é?

O outro olhava-o, desconfiado, muito sério. Turibio calára-se; fitou-o um pouco, baixou a cabeça. Acalmava-se. Depois:



" para longe, através dos campos..."

— Mataram-n'o á toa?
O homem sorriu:

— A' toa! Quer saber o senhor? Eu tenho lá uns parentes...

— Na Agua Nova?

— Sim, na Agua Nova. Agora mesmo vou eu para lá... Turibio ouvia, muito attento.

— Tenho lá uns parentes. Pois elles sabem de tudo; não viram, mas lá toda a gente conta. Era uma coisa de fazer virar o sangue á gente. O que morreu enganava o outro, sabe?

Turibio repetia:

— Enganava o outro...

— E', enganava-o com a mulher. Mettia-se lá dia e noite. Todo o mundo via; o marido é que não via nada. Mas um dia...

O senhor sabe; lá vem um dia em que a gente descobre tudo. O marido apanhou os dois em casa.

Turibio deitou-lhe a mão a um braço, rapido, com um relampago nos olhos:

— Com a filha ali perto, não é? Com a filha ali mesmo, deitada ali, vendo tudo, aprendendo tudo. Não houve um raio do céu que os matasse! Acredita em Deus, o senhor? Acredita, hein?

Póde-se acreditar, póde-se ter fé, assim?

Trêmula, de colera. O homem murmurou o braço:

— Como é que o senhor sabe que elle tinha uma filha?

Turibio voltou a si. Disfarçava:

— Eu lá lá, ás vezes... e depois, lá... e indicava o caminho, para traz... lá toda a gente conta; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— E'... e o outro concordava... Na Agua Nova, então, toda a gente sabe. Não vê mesmo que aquillo era para se esquecer assim! Que morte! Piçou-o todo, a face; todo! No peito, nos olhos, na bocca...

— Na bocca, no peito... Nos olhos... e elle accentuava aquillo... A bocca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor? Enganavam... Olhavam para o outro assim... e passava as mãos do rosto para baixo, com os dedos; deixava os olhos a descoberto... Olhavam assim claro, puro... Falava tão doce, tão sério... Falso, tudo falso! Pensa que elle tinha coração? Tinha coração como o senhor, como eu? — e levava a mão ao peito, — Tinha coração, aqui? Ah! Quem o tem faz

— Como é que o senhor sabe que elle tinha uma filha?

Turibio voltou a si. Disfarçava:

— Eu lá lá, ás vezes... e depois, lá... e indicava o caminho, para traz... lá toda a gente conta; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— E'... e o outro concordava... Na Agua Nova, então, toda a gente sabe. Não vê mesmo que aquillo era para se esquecer assim! Que morte! Piçou-o todo, a face; todo! No peito, nos olhos, na bocca...

— Na bocca, no peito... Nos olhos... e elle accentuava aquillo... A bocca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor? Enganavam... Olhavam para o outro assim... e passava as mãos do rosto para baixo, com os dedos; deixava os olhos a descoberto... Olhavam assim claro, puro... Falava tão doce, tão sério... Falso, tudo falso! Pensa que elle tinha coração? Tinha coração como o senhor, como eu? — e levava a mão ao peito, — Tinha coração, aqui? Ah! Quem o tem faz

— Como é que o senhor sabe que elle tinha uma filha?

Turibio voltou a si. Disfarçava:

— Eu lá lá, ás vezes... e depois, lá... e indicava o caminho, para traz... lá toda a gente conta; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— E'... e o outro concordava... Na Agua Nova, então, toda a gente sabe. Não vê mesmo que aquillo era para se esquecer assim! Que morte! Piçou-o todo, a face; todo! No peito, nos olhos, na bocca...

— Na bocca, no peito... Nos olhos... e elle accentuava aquillo... A bocca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor? Enganavam... Olhavam para o outro assim... e passava as mãos do rosto para baixo, com os dedos; deixava os olhos a descoberto... Olhavam assim claro, puro... Falava tão doce, tão sério... Falso, tudo falso! Pensa que elle tinha coração? Tinha coração como o senhor, como eu? — e levava a mão ao peito, — Tinha coração, aqui? Ah! Quem o tem faz

— Como é que o senhor sabe que elle tinha uma filha?

Turibio voltou a si. Disfarçava:

— Eu lá lá, ás vezes... e depois, lá... e indicava o caminho, para traz... lá toda a gente conta; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— E'... e o outro concordava... Na Agua Nova, então, toda a gente sabe. Não vê mesmo que aquillo era para se esquecer assim! Que morte! Piçou-o todo, a face; todo! No peito, nos olhos, na bocca...

— Na bocca, no peito... Nos olhos... e elle accentuava aquillo... A bocca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor? Enganavam... Olhavam para o outro assim... e passava as mãos do rosto para baixo, com os dedos; deixava os olhos a descoberto... Olhavam assim claro, puro... Falava tão doce, tão sério... Falso, tudo falso! Pensa que elle tinha coração? Tinha coração como o senhor, como eu? — e levava a mão ao peito, — Tinha coração, aqui? Ah! Quem o tem faz

— Como é que o senhor sabe que elle tinha uma filha?

Turibio voltou a si. Disfarçava:

— Eu lá lá, ás vezes... e depois, lá... e indicava o caminho, para traz... lá toda a gente conta; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— E'... e o outro concordava... Na Agua Nova, então, toda a gente sabe. Não vê mesmo que aquillo era para se esquecer assim! Que morte! Piçou-o todo, a face; todo! No peito, nos olhos, na bocca...

— Na bocca, no peito... Nos olhos... e elle accentuava aquillo... A bocca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor? Enganavam... Olhavam para o outro assim... e passava as mãos do rosto para baixo, com os dedos; deixava os olhos a descoberto... Olhavam assim claro, puro... Falava tão doce, tão sério... Falso, tudo falso! Pensa que elle tinha coração? Tinha coração como o senhor, como eu? — e levava a mão ao peito, — Tinha coração, aqui? Ah! Quem o tem faz

— Como é que o senhor sabe que elle tinha uma filha?

Turibio voltou a si. Disfarçava:

— Eu lá lá, ás vezes... e depois, lá... e indicava o caminho, para traz... lá toda a gente conta; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— E'... e o outro concordava... Na Agua Nova, então, toda a gente sabe. Não vê mesmo que aquillo era para se esquecer assim! Que morte! Piçou-o todo, a face; todo! No peito, nos olhos, na bocca...

— Na bocca, no peito... Nos olhos... e elle accentuava aquillo... A bocca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor? Enganavam... Olhavam para o outro assim... e passava as mãos do rosto para baixo, com os dedos; deixava os olhos a descoberto... Olhavam assim claro, puro... Falava tão doce, tão sério... Falso, tudo falso! Pensa que elle tinha coração? Tinha coração como o senhor, como eu? — e levava a mão ao peito, — Tinha coração, aqui? Ah! Quem o tem faz

— Como é que o senhor sabe que elle tinha uma filha?

Turibio voltou a si. Disfarçava:

— Eu lá lá, ás vezes... e depois, lá... e indicava o caminho, para traz... lá toda a gente conta; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— E'... e o outro concordava... Na Agua Nova, então, toda a gente sabe. Não vê mesmo que aquillo era para se esquecer assim! Que morte! Piçou-o todo, a face; todo! No peito, nos olhos, na bocca...

— Na bocca, no peito... Nos olhos... e elle accentuava aquillo... A bocca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor? Enganavam... Olhavam para o outro assim... e passava as mãos do rosto para baixo, com os dedos; deixava os olhos a descoberto... Olhavam assim claro, puro... Falava tão doce, tão sério... Falso, tudo falso! Pensa que elle tinha coração? Tinha coração como o senhor, como eu? — e levava a mão ao peito, — Tinha coração, aqui? Ah! Quem o tem faz

— Como é que o senhor sabe que elle tinha uma filha?

Turibio voltou a si. Disfarçava:

— Eu lá lá, ás vezes... e depois, lá... e indicava o caminho, para traz... lá toda a gente conta; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— E'... e o outro concordava... Na Agua Nova, então, toda a gente sabe. Não vê mesmo que aquillo era para se esquecer assim! Que morte! Piçou-o todo, a face; todo! No peito, nos olhos, na bocca...

— Na bocca, no peito... Nos olhos... e elle accentuava aquillo... A bocca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor? Enganavam... Olhavam para o outro assim... e passava as mãos do rosto para baixo, com os dedos; deixava os olhos a descoberto... Olhavam assim claro, puro... Falava tão doce, tão sério... Falso, tudo falso! Pensa que elle tinha coração? Tinha coração como o senhor, como eu? — e levava a mão ao peito, — Tinha coração, aqui? Ah! Quem o tem faz

— Como é que o senhor sabe que elle tinha uma filha?

Turibio voltou a si. Disfarçava:

— Eu lá lá, ás vezes... e depois, lá... e indicava o caminho, para traz... lá toda a gente conta; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— E'... e o outro concordava... Na Agua Nova, então, toda a gente sabe. Não vê mesmo que aquillo era para se esquecer assim! Que morte! Piçou-o todo, a face; todo! No peito, nos olhos, na bocca...

— Na bocca, no peito... Nos olhos... e elle accentuava aquillo... A bocca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor? Enganavam... Olhavam para o outro assim... e passava as mãos do rosto para baixo, com os dedos; deixava os olhos a descoberto... Olhavam assim claro, puro... Falava tão doce, tão sério... Falso, tudo falso! Pensa que elle tinha coração? Tinha coração como o senhor, como eu? — e levava a mão ao peito, — Tinha coração, aqui? Ah! Quem o tem faz

— Como é que o senhor sabe que elle tinha uma filha?

— A filha do outro? Era filha pequenina, tão loura!

— A filha? Coitadão! Andou por ali. Não vê que a mulher poz logo á casa, sabe?

— Andou por ali, a filha?

— A mulher poz logo á casa. Dizia que no quarto, onde o tinham morto, depois daquillo tudo, só o fogo é que ainda lá podia entrar. E então, levou a pequenina; deu-a numa casa; lá no alto... Depois, foi embora. Tem andado por ali; está agora com um, está daqui a bocado com outro... E' uma desgraça, mas, ha gente que é assim mesmo.

— A pequenita ficou, lá no alto?

— E'... Mas davam-lhe muito, davam-lhe á toa... Coitadão! A mãe tinha-se ido embora, o pai estava preso. Era uma desgraça! Pobre de quem não tem nem uma pessoa por si... A mãe della, então, foi por ali, estava com um, com outro...

— Elles davam-lhe muito?

— Em quem?

— Na pequenina.

— Davam-lhe tanto!

— Davam-lhe! Mas a mãe della, por que é que lhe deixava dar? Tão pequenina, tão loura!

— Pois a mãe já não estava mais lá, na casa. Poz-lhe logo e foi embora. E então, a pequenita ficou. Antes não ficasse! Davam-lhe tanto.

— Davam-lhe muito... E agora?

— Agora — e o homem apontava para o céu, alto. — Agora, está lá, está nos ouvindo...

Turibio agarrou-lhe na mão, puxou-o a si. Cravava-lhe no rosto o olhar fixo, acurado, lucido:

— Está lá! — e mostrava o céu. — Está lá? Morreu?

— Morreu.

— Morreu!

Lágrimas lhe brotaram dos olhos, rapidas, ardentes. Escal-davam-lhe o rosto, punham-lhe como que pequeninos diamantes pela barba hirsuta. Quedára-se em silencio. Por fim:

— Elles davam-lhe muito?

— Se lhe davam! Até nem parecia gente christã.

Turibio murmurava — "Davam-lhe!" E, com os olhos vagos, absorto:

— E ella morreu?

O homem affirmava que sim. E elle levantou os hombros, num soluço:

— Assim até foi melhor!

O outro fitava-o, commovido. E depois:

— O senhor gostava da pequenina?

— Pois se ella era... e calou-se; desvairava-se-lhe o olhar, levou a mão á bocca, olhava em roda. E aos poucos: — Vim por aqui muito. Muitas vezes!

Nestes braços andou ella. Era assim — e fazia-lhe o tamanho com a mão. — Tinha uns cabellos que só vistos, de lindos! E davam-lhe! Se eu estivesse lá... Juro-lhe pela minha alma! Levasse-me um raio se mais algum dia se levantasse a mão que lhe estivesse batendo!

Baixou a cabeça; tinha os olhos cravados na terra, direitos, fixos. As lagrimas corriam-lhe grossas, rapidas, continuas. Soluçava. O homem estendeu-lhe a mão:

— Assim até foi melhor!

O outro fitava-o, commovido. E depois:

— O senhor gostava da pequenina?

— Pois se ella era... e calou-se; desvairava-se-lhe o olhar, levou a mão á bocca, olhava em roda. E aos poucos: — Vim por aqui muito. Muitas vezes!

Nestes braços andou ella. Era assim — e fazia-lhe o tamanho com a mão. — Tinha uns cabellos que só vistos, de lindos! E davam-lhe! Se eu estivesse lá... Juro-lhe pela minha alma! Levasse-me um raio se mais algum dia se levantasse a mão que lhe estivesse batendo!

Baixou a cabeça; tinha os olhos cravados na terra, direitos, fixos. As lagrimas corriam-lhe grossas, rapidas, continuas. Soluçava. O homem estendeu-lhe a mão:

— Assim até foi melhor!

O outro fitava-o, commovido. E depois:

— O senhor gostava da pequenina?

— Pois se ella era... e calou-se; desvairava-se-lhe o olhar, levou a mão á bocca, olhava em roda. E aos poucos: — Vim por aqui muito. Muitas vezes!

Nestes braços andou ella. Era assim — e fazia-lhe o tamanho com a mão. — Tinha uns cabellos que só vistos, de lindos! E davam-lhe! Se eu estivesse lá... Juro-lhe pela minha alma! Levasse-me um raio se mais algum dia se levantasse a mão que lhe estivesse batendo!

Baixou a cabeça; tinha os olhos cravados na terra, direitos, fixos. As lagrimas corriam-lhe grossas, rapidas, continuas. Soluçava. O homem estendeu-lhe a mão:

— Assim até foi melhor!

O outro fitava-o, commovido. E depois:

— O senhor gostava da pequenina?

— Pois se ella era... e calou-se; desvairava-se-lhe o olhar, levou a mão á bocca, olhava em roda. E aos poucos: — Vim por aqui muito. Muitas vezes!

Nestes braços andou ella. Era assim — e fazia-lhe o tamanho com a mão. — Tinha uns cabellos que só vistos, de lindos! E davam-lhe! Se eu estivesse lá... Juro-lhe pela minha alma! Levasse-me um raio se mais algum dia se levantasse a mão que lhe estivesse batendo!

— Desculpe, heim? Mas, eu vou indo...

— Eu vou também. O senhor disse que a Agua Nova é pr'a lá, não é? — e mostrava-lhe o caminho, longe. — Eu vou... A mãe della, então, ficou lá na casa?

— A mãe da pequenina? — Turibio fazia-lhe que sim; o outro sorriu. — Foi embora... Pois ella deitou fogo á casa e foi embora.

— Deitou fogo á casa. Ardeu tudo?

— Tudo.

— E foi embora! Comtanto que a não tenha tragado o inferno! Vê o senhor? Tanta miséria!... O céu cobre tudo, azul, azul. A casa era lá pr'a cima, não era? Uma, de taboas, com um mamoeiro á porta, uma hortazinha ao fundo? Tinha-a feito elle mesmo. Elle, sim; elle! Muita terra cavou pr'a a fazer...

— O marido era da lavoura?

— O pae, o pae da pequenina! Era da lavoura... Duma outra lavoura; também se cava a terra, também se planta, mas não se colhe. Cavou muita terra, muita! Ah! assim a estivesse elle agora cavando para a que foi embora!

O homem achava que sim:

— E' mesmo, antes trabalhiasse pr'a a filha. Quando se tem mulher assim...

Mas Turibio interrompeu-o:

— Pr'a a filha, não! — E com a voz em lagrimas: — Pr'a a filha, coitada! nem foi elle que a cavou. Atiraram-n'a lá para o fundo, á toa. Pr'a a filha, não; para a que foi embora! Deitou fogo á casa e foi embora. Antes para ella! Bem larga, bem funda! Lá, bem embaixo...

E dentro em pouco:

— A casa era lá pr'a cima?

— Inda lá está o terreno. E' perto. Eu é que já vou indo...

— Também eu vou.

E foram ambos, Turibio calárase; por vezes, ouvia-se-lhe um soluço. O homem apertava o passo. Numa curva, por uma aberta de cerca, mostrou-lhe o caminho adiante, o terreno da casa, o mamoeiro á porta, longe, mal distincto. O sol cahia agora do alto, por sobre a terra humida da geada; nureo e tardio, retardatario sol benéfico de Junho...

Turibio reconhecia a estrada, alegravam-se-lhe os olhos. Já nem sentia o cansaço de ha pouco, E marchava calado, com pressa. Num ponto, o homem agarrou-o, fê-lo parar:

— Olhe, vê ali, agora...

Era o terreno proximo, o mamoeiro á entrada. Onde a casa estivera, por sobre a massa disforme do entulho, daminhas plantas se enredavam, subiam, avassallavam tudo. E dentro ellas, apenas, a espigas, carbonizados caibros emergiam do matto crescido e ruim.

Pararam á porta. O homem voltou-se para Turibio:

— Não era aqui?

— Era... — e elle fitava o terreno desolado e lugubre. — Era aqui! — e enchiam-se-lhe os olhos d'agua. — Comtanto que a não tenha tragado o inferno! Olhe, tem a sua vida segura, o senhor? — o outro não respondeu. — Tem-n'a segura? Deixe-a andar... Segura para que? Um dia desaba tudo. Está ali, queimado, pobre... E o céu cobre tudo, azul, azul...

Passava os olhos em redor. Subito:

— O cemiterio é pr'a lá, não é?

— E' lá adiante, no fim daquelle caminho; lá por traz daquelle mangueira grande...

— Lá adiante, por traz da mangueira? Olhe — e accenava-lhe com a mão. — Deus que o acompanhe!

E deixou-o.

"Deus que o acompanhe!" Foi embora. O homem ficara, pasmado; abanou a cabeça sorrindo:

— Qual!

E seguiu. Turibio embrenhara-se pela estrada. Tinha as pernas tropeças, como as de um ébrio. Gelava-se-lhe a cabeça; esvaíam-se-lhe as forças. E aos olhos delie, o campo em roda, as arvores, os morros, tudo se ia de tenebras cobrindo. Deu ainda uns passos, mas dobraram-se-lhe os joelhos, fez-se-lhe um vacuo em torno. Cahiu para a frente, e ficou inerte, ao meio da estrada, ao sol.

Nevoas cahiam do alto, quando se lhe descerraram os olhos. Vinha a manhã nascendo, longe. O orvalho alagara-lhe a roupa. Tiritava de frio. Despiu o casaco humido; sacudiu-o com força, vestiu-o de novo. Tumultuavam-lhe idéas no cerebro. Sentou-se; fitava a estrada adiante. E a pouco e pouco, foi-se-lhe aquietando a cabeça. Lembrava-se devagar:

— "Poz fogo á casa". Lembrava-se. "O cemiterio é pr'a lá". "Ergueu-se; sentia-se fraco, com fome, respirou, tirou o chapéo. E poz-se a caminho. "O cemiterio é pr'a lá..."

Avistou-o, adiante. Homens estavam á porta, casaco aos hombros, fumando; um dentre elles, tomava-lhes os nomes:

— Gaspar?

— Cá está.

— Domingos?

— Prompto.

Entravam, um a um, tirando os casacos, dobrando-se ao meio. Turibio chegou-se, chapéo na mão:

— Com licença dos senhores.

E' que... Eu venho lá de cima... 'Stou desempregado. Então, vinha por aqui... Talvez queiram alguém para a enxada.

Um alto, espadado, coçou a barba, e depois:

— Isso é lá com o Sr. Eduardo.

E deu com o queixo para o lado do que tomava os nomes. Turibio foi para elle, vagaroso, hesitante, tímido:

— Com sua licença, heim.

E' que eu 'tou desempregado.

E' Perdoo



"O sol cahia agora do alto..."

O Sr. Eduardo franziu a testa. Este a pensar, olhava-lhe pr'a a cara. E depois para dentro:

— O' Maturina?!

"Maturina!" Turibio sentiu que a alma lhe saltava num impeto. E de dentro uma mulher veio, chegou á porta:

— Assim inda é peor... Agora é so ferver a agua.

— Quem é que fala aqui em ferver agua? — e ella calava-se, attenta. — Sabes tu quando vem o Corrêa?

— O Corrêa? — a mulher sorriu. — Vá esperando! O vir, diz elle que vem para a semana agora o poder vir é que são ellas.

Turibio cravava-lhe os olhos no rosto; olhar de odio, olhar impiedoso e máo. Traspassava-a implacavel e frio. Por fim, baixou a cabeça. O Sr. Eduardo pensava, franzida a testa:

— Homem, você se quer, fique pr'a ahi, a ver. Mas olhe que assim inda se lhe não dá nada.

Turibio calara-se, o Sr. Eduardo convencia-o:

— Porque ahi ha um de cama... Elle ha um de cama... E você fica co'o seu direito.

— Isso é...

— A comida fornece-se-lhe ahi, você paga-a. O outro póde ser que não vá nem ao S. João. E você fica co'o seu direito. Lá o seu direito é que se lhe não tira.

E Turibio ficou. E numa frigida tarde ennevoada e tristonha, o Corrêa veio, do alto, piedosamente trazido, a mão, para uma cova que elle mesmo se esforçara por abrir. Os outros acompanhavam-n'o, descobertos, silenciosos e graves. Fizeram-n'o descer para o fundo, hirtos e magros. E a terra que lhe deitaram cahia aos poucos, numa poeira leve, para o não acordar.

— Porque este é cá dos nozinhos... — explicaram.

E um, para Turibio:

— Quem aproveitava agora és tu. Faz-te fino porque querel-o,



"Rezava o quer que fosse..."

ao logar, ha muito quem n'o quena.

Deram-lh'o. O Sr. Eduardo chamou-o, logo no outro dia, cedo. Batendo-lhe no hombro, com amizade:

— Agora, ficas de vez. Cá a palavra dum homem, é ali; o que se diz é o que está! E o teu direito, olha que ninguém t'o tira.

Elle agradecia. Ficou de vez. Os outros estimavam-n'o; era generoso e humilde. E reservavam-lhe a tarefa peor. Faziam-n'o acabar o serviço de um que tinha a mulher de cama, trocar de horas com outro a quem a humidade da manhã punha doente. Era o ultimo a largar a enxada. E vinha embora, cantando. A' noite, apenas, errava pelo quadro dos anjos, á procura. Escutavam-se-lhe soluços abafados.

Foi então, ao descambar de uma tarde sonora e rutila — já as mangueiras se cobriam de flores e mysticos perfumes erravam no ar — o Sr. Eduardo parou, por entre tumulos, vendo-o a fechar uma cova, curvado e suando:

— O' Turibio?!

— e Turibio levantou a cabeça. — Olha qu'isso não vae a matar! Não vae a matar, que diabo! Assim, prepara-l-a pr'a ti.

E Turibio ergueu-se, apoiou a mão á enxada; olhava o sol morrendo, longe.

— E'. Fica pr'a amanhã. Já o veião entra. O sol vem cedo.

Sacudia a terra presa á enxada; apañhou o casaco, perto, a uma borda de tumulo, atirou-o ás costas, poz a enxada ao hombro. E veio, e dizia:

— Porque lá isso é... Não vae a matar. Mas sempre é bom andar pr'a deante. O que fica feito, fica feito. Não se faz mais...

Tinham-lhe dado um quarto de taboas, janella para o quadro dos adultos, em frente. Pedira-o, instára por elle. Os outros dormiam á entrada, paredes meias com o administrador. Turibio, porém, lembrara as corôas abandonadas, fóra. "Assim até era melhor para a vigia". E ficara lá. De onde estavam, já o quarto se avistava, ao fim da aléa. E elle repetia:

— O que fica feito, fica feito...

E' tempo que se poupa. Não se faz mais.

— E'. Mas tu, matas-te. Um homem quer-se trabalhador, mas com saúde. Porque depois, dá-lhe em casa o raio da doença; e é pegar-lhe pr'a ali, á toa, e é vel-o a s'agoniar... Elle vae-se, e os outros é que ficam.

Turibio concordava:

— Também lá isso, é.

Vieram. Elle parou á porta:

— Vou aqui agora ver...

— Pois então, é o que te digo; um homem quer-se com saúde.

E o Sr. Eduardo seguiu. Turibio demorou-se um pouco, á porta. Entolava um cigarro; puzera a enxada a um canto. Por fim, entrou. A noite cahia, tenue; e, no céu, ainda claro, a lua, em crescente, surdia, luminosa e doce.

Madrugada alta — inda a manhã não viera — já elle estava vestido, á janella do quarto. Fumava, pondo largas batoforadas para fóra, através da neblina e da noite. E, subito, por entre arvores, longe, ao luar, um vulto de mulher, hesitante e esquivo.

Elles me botaram dentro de uma camisa branca, enorme, e depois em cima de uma cama exquisita, de ferro, que uma mulher vestida de branco levou para uma outra sala toda branca.

Um senhor muito grave, com um avental todo branco também, sorriu para mim, com certa gravidade e me disse que tudo aquillo não ia passar de dois minutos.

— Quer um pouco de anestesia local? — me perguntou.

Vi o teu sorriso sorrindo no meu pensamento, e respondi que não queria.

Aquelle senhor muito grave pegou numa faca e noutras coisas parecidas, e eu vi muito sangue correr.

Depois não vi mais nada.



Cirurgia

P O R
B R A S I L G E R S O N

(Desenho de Ravasco)

Tudo isto aconteceu hontem, e só hoje é que chegou o teu telegramma.

Fiquei diferente depois que elle chegou. Não sei explicar bem o que é

Sinto dentro de mim uma sensação toda nova. Sinto-me feliz comigo mesmo. No meu interior ha uma orchestra que toca tango que eu não ouvi em nenhuma outra orchestra.

Passo pelas ruas, e só vejo você lá na frente sorrindo.

Lá fora não ha sol nem passaros cantando.

Mas dentro de mim ha toda a alegria de uma manhã de sol e todo o encanto de uma floresta cantando.

E eu estou aqui, meu amor, na prisão desta sala branca, cheia de silencio, e cheia do cuidado desta mulher toda vestida de branco, a contar quantas vezes bate por minuto o meu coração, que às vezes bate depressa, às vezes devagar.



D i C a v a l c a n t i
p o r
O c t a v i o S e r g i o



Brasil Gerson acaba de publicar os seus "Vinte annos de circo". Livro gostoso, clinico romantico, actualissimo.



O c t a v i o S e r g i o
p o r
O c t a v i o S e r g i o



1) — Visita do nosso correspondente Commendador F. de Sant'Anna ao Pavilhão do Brasil em Sevilha. Nosso correspondente Com. F. de Sant'Anna, Director Geral do Commissariado do Brasil em Sevilha Manoel Zapatta, Inspector da Agencia Americana Dr. Jorge de Godoy, Representante tecnico da Associação Commercial e Bolsa do café de Santos, Carlos Sardinha, Jayme da Gama Abreu, e outras pessoas.



2) — Por ocasião da visita da Rainha da beleza de Andalusia ao Pavilhão do Brasil, o nosso correspondente Commendador F. de Sant'Anna lhe offerecendo uma chitarra do afamado café brasileiro.

Achavam-se presentes: Os membros do Commissariado do Brasil e seu Director Dr. Vergueiro Staidel, Adido Commercial, Dr. Cambuim, Consul do Brasil em Sevilha, Manoel Zapatta, Director e Inspector da Agencia Americana, Jornalistas hespanhoes, e Dr. Caio Monteiro, Delegado do Instituto do Café.

Exposição

de Sevilha

3) — Photographia tirada por ocasião da inauguração do pavilhão da Imprensa Ibero-Americana em Sevilha. Em 18 — 6 — 1929. No centro o Conde de los Andes, Ministro da Economia, Director Geral da Ex-



posição, Presidente da Associação de Imprensa, D. Alfredo de Rivera, Director da Agencia Americana, Dr. Jorge de Godoy, Inspector, Commendador F. de Sant'Anna, correspondente da "A Noite" e Revista "O Malho" do Rio de Janeiro.



HAVERA' COISA MAIS EXTRAORDINARIA DO QUE A PARADA DE ALMOFADINHAS NA CALÇADA DO QUARTEIRÃO SERRADOR?...



O Rio Nocturno

REPORTAGEM DE DÍCAVALCANTI

O CABARET REINO DA MAIS PROFUNDA TRISTEZA... NÃO É BOM FALLAR NO CABARET CARIOCA.



POR ESSAS E OUTRAS. QUEM QUER GOSAR A VIDA FICA EM CASA SONHANDO...



De Elegância



O apartamento do hotel em que está hospedado Francisco Villaespesa, abre larga janela donde se avista toda a baía de Guanabara. No interior, pilhas e mais pilhas de livros de autores brasileiros — quer em prosa, quer em verso — livros estrangeiros, flores, muitas flores, e, à mesa, cigarros, jornais e um bote de café.

O escriptor hespanhol não gosta de sair. De vez em quando — disse-me elle — dá um mergulho na vida real, e, logo, volta aos seus livros, aos seus escriptos, às suas conferencias. Vive uma vida sua, muito sua e muito interessante no convívio das letras.

Ao poeta que a Hespanha celebra como dos maiores e a outra parte do mundo intellectual acata e admira, tive eu a audacia de pedir uma opinião para esta pagina, que, como se vê, é uma pagina de fanfreluches, de coisas futeis, mas muito essenciaes à vida social. Não se mostrou elle enfadado por lhe ter eu pedido resposta a perguntas tão frivolas. Assim, quando lhe falei: — Que pensa da elegancia? Respondeu com vivacidade: — É uma arte. Como a Poesia. Mas não se aprende. Nasce-se elegante. Ninguém se faz elegante. É coisa instinctiva e, muita

FRANCISCO VILLAESPESA

vez atavica. — E a elegancia das roupas femininas, das attitudes — também femininas?

— A elegancia das roupas e das attitudes? É só harmonizar, sem prejuizo ou imposição de modas, a roupa e o gesto com a propria plasticidade e com o estado de animo. Para isso fôra preciso que cada mulher fôsse sua propria modista... O que se aprende forçadamente destôa da natural elegancia, da elegancia espontanea como deve ser a perfeita elegancia da mulher.

— E a masculina?

— As roupas masculinas são absurdas, encommudas e inestheticas. Não têm personalidade.

Villaespesa pede mais café e accende mais um cigarro.

Pergunto-lhe então:

— Conhece varios estados do Brasil. Em qual

delles a mulher é mais elegante?

Sorriu o grande poeta:

— Sim, conheço o Rio Grande, Paraná e São Paulo. Ha em todos, mulheres elegantes, mulheres que se vestem com elegancia.

Escapava elle, assim, intelligentemente, ao cotejo que eu provocára.

— Como entende as imposições da moda?

— São as arbitrariedades dos costureiros — responde Villa-

espesa — a que se não deverti submeter as mulheres verdadeiramente elegantes.

— Acha que a mulher deveria ter, como o homem, um traje uniforme?

— Traje uniforme feminino? Que horror! que horror! Nunca. Devia ser, pelo contrario, cada vez mais differente. Cada mulher precisa de ataviar-se de accordo com o seu intimo.

— E os homens que muito se preocupam com as roupas? Concentraram-se os traços do escriptor numa serieidade um tanto forçada.

E exclamou elle:

— Homens que se preocupam com as roupas? Isso é problema quasi sociologico, senão patologico, que, por elle, na realidade, deveriam todos interessar-se, porque todos têm não só o direito, como o dever de manter a esthetica.

— A sua impressão da cor no vestuário feminino?

— A cor, segundo a maior ou menor leveza dos vestidos, depende do cunho pessoal de cada mulher, modificado pelo ambiente, a estação, a idade e também o estado d'alma. É coisa personalíssima. Toda mulher deve ter a sua cor senão os seus matizes.

— Dizem que a brasileira ama os coloridos vivos. Sob o sol carioca, e nas calçadas também, as cariocas elegantes constituem invejáveis palhetas... É a claridade da nossa terra que lhes dá o gosto do alacre, mas essa mesma claridade da nossa terra também lhes desbota depressa os lindos vestidos feitos de panos muito bonitos, á primeira vista, coloridos mas com tintas inferioríssimas. Agora, um pouco mais de paciência...

— Quer um "cigarrillo"? — perguntou-me o escriptor.

— Eu...

— Aceite. Fume. É excelente.

— Guardo-o... para mais tarde. Escute. Passemos das tonalidades dos tecidos ás da pele. Consta de lá muito, que as morenas estão no rigor da moda, tanto que as claras se submettem ao processo de "cortir" a cutis...

— Morenas ou ruivas? Dá no mesmo, com tanto que sejam bellas, inteligentes, "sensíveis". Creio que a mulher deve cultivar mais a sensibilidade, porque esta dá á belleza e á graça, muito mais que a intelligencia, fulgôr unico, attractivo maravilhoso.

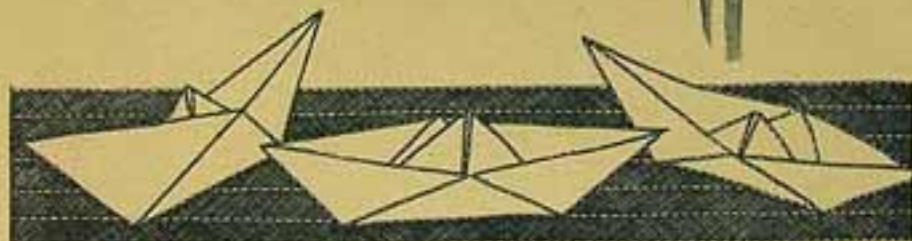
— E o seu modo de julgar a hespanhola?

— Na Hespanha, a mulher mais elegante é a mais "hespanhola", isto é, a mais natural e espontanea. Em regra geral, a hespanhola é sobria e com isto se mostra muito adeantada em materia de elegancia.

— Poderia dizer-me algo da mentalidade feminina?

— Considero a capacidade feminina igual á do homem, senão mais propria que a deste nas questões artisticas, porque as mulheres têm mais aguda a sensibilidade, e mais inconscientemente transcendental.

— E as mulheres "poetas"?



— Quando sinceras, são admiráveis. Na lingua hespanhola, nos ultimos annos, as poetisas imperam sobretudo na America. Em primeiro lugar, Delmira Agostini, o mais intenso temperamento feminino desde Santa Theresa. Depois, Gabriela Mistral, Juana de Ibarborou, Alfonsina Storni, Maria Alicia Domingues, Margarita Abella Caprile, Luisa Luisi, Mariblanca Sabas Alorna, Ana Neves, Raquel Sacur... O mais puro, o mais vibrante da poesia hespanhola está nas divinas mãos das mulheres.

...

Os vestidos de hoje: "manteau" de "tweed" havana, laranja e "beige", blusa de crêpe marroquino laranja e saia de lá cor de havana;

"manteau" de crêpe Sokol preto, babado em forma e gola de "renard" cor de fumo. Fôrrô de setim cor de fumo e desenhos cinza prata;

vestido de crêpe da China rosa guarnecido de renda grossa. "Manteau" de "alpaga" rosa.

Em taes figuras, muito de notar é o resurgimento do véo, de que, aliás, tratarei na primeira oportunidade.

...

Secção de agulha: barquinhos como guarnição de roupa de creança. Ponto de haste de linha lustrosa.

...

No proximo numero A. Dorét falará ás leitoras desta pagina sobre cabellos e perfumes.

PARA TODOS...

A ESTAÇÃO VILLA ROSALY INAUGURADA



Aspecto parcial de São João de Merity, onde foi inaugurada a nova estação



O Dr. Mario Cabral, chefe dos serviços da E. F. Rio d'Ouro, ladeado pelo Prefeito de Nova Iguaçu, Dr. Rubens Farrulla, e convidados.



O carro especial da Rio d'Ouro conduzindo o Dr. Mario Cabral e sua comitiva, ao transpor o final da variante "Farrulla".

São João de Merity, a pittoresca cidade fluminense, que dista desta Capital uma hora de trem, acaba de ver inaugurada a nova estação da Rio d'Ouro, denominada Villa Rosaly, melhoramento este de iniciativa da firma Farrulla e Cia. Ltda., que doou à Rio



A estação Villa Rosaly no dia de sua inauguração

d'Ouro os terrenos para a construção da variante Farrulla e construiu a estação Villa Rosaly, que serve também aos moradores da sua grande área nessa cidade. A inauguração da estação Villa Rosaly realizou-se a 14 de Julho com toda a festividade.

PARA TODOS...



Cyrano de Niemeyer Portocarrero, filho de D. Dinah de Niemeyer Portocarrero e do 1º Tenente Tito Portocarrero. Cyrano acaba de matricular-se no Colégio Militar e diz elle que vai seguir a carreira de seu avô, General Tito Augusto Portocarrero e de seu bisavô, Marechal Conrado Jacob de Niemeyer, que foram dois notáveis engenheiros militares.

Crème Simon



Cuidai da vossa beleza como cuideis da vossa saúde; o vosso rosto é uma delicada obra prima que deveis proteger.

O CREME SIMON

fabricado segundo formulas experimentadas, liberta a pele de todas as suas imperfeições, conservando-lhe a beleza, a frescura e o aveludado. Da-lhe brancura e pureza impedindo a formação de rugas.

PÓ & SABONETE SIMON
Paris

CASA GUIOMAR

Calçado "D A D O"

A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

AVENIDA PASSOS, 124 — RIO

Tel.: Norte 4424



Superiores sapatos de peitica anvernizada preta entrada baixa, com fivella, salto baixo, próprios para mocinhas.

Fortíssimos sapatos tipo alpercata de vaqueta avermelhada próprios para escolas.

32\$000 Chica sapatos em peitica anvernizada preta com fivella de metal, Luiz XV, cubano medio.

De ns. 28 a 32 34\$000
De ns. 33 a 40. 37\$000

De ns. 18 a 26. 34\$000
De ns. 27 a 32. 38\$000
De ns. 33 a 40. 41\$000

42\$000 Em tira Camurça Preta.

Porte 2\$500 em par

Em vaqueta preta mais 1\$000

Pelo correio mais 1\$500

REMETTEM-SE CATALOGOS GRATIS

P e d i d o s a J U L I O D E S O U Z A

CASA Eritis

 Telephone 1313 Central
 RUA URUGUAYANA, 78

 Especialidades em:
 POSTIÇOS INVISIVEIS
Mise-en-plis, ondulações
Massagens,
Cortes de cabellos.
Cabelleireiros de Senhoras

 ONDULAÇÃO
 PERMANENTE
 POR ESPECIA-
 LISTAS,
 GARANTIDA
 8 MEZES.

Desde 100\$

 APLICAÇÕES
 DE HENNÉ
 EM TODAS AS
 CORES.

Desde 25\$

Offerecemos as maiores garantias por ser nossa casa a mais antiga e a mais importante do Brasil.

 COMO TER LINDAS
 UNHAS

**ESPECIALIDADE DA
 CASA ERITIS**

 Seis perfeitas Manicures para
 Senhoras.

UM BRASIL DIFFE- RENTE DOS BRASILEIROS...

Brasil Gerson é um moço que sente a volúpia do escândalo. Escrevendo para o "Diário da Noite", em São Paulo, crônicas que saem na parte de teatro, mas que, por isso mesmo, e o contrario seria absurdo em Brasil Gerson, na maioria das vezes não têm nada a ver com teatro — Brasil Gerson deve ter escandalizado meio mundo com suas idéas e o modo por que as expõe. Ele mesmo já pensou em requerer, ao ministerio que dá patentes de invenção, uma dellas para o estylo. Isto em nossos dias não mette medo mais a ninguém, porque já ninguém mais lê Fr. Luis de Souza nem leva em muita conta, como antigamente, essa coisa mirifica, que nem os grandes escriptores daquelles tempos se achavam no direito de possuir — o "estylo". Porque toda gente pensa, e bem, que tem o tal estylo. Afinal de contas, cada qual escreve como entende e o que entende, de modo que ha de ter o seu modo proprio de se expressar. Isso de empregar termos já usados por outros não tem a menor importancia porque, bem pesadas as coisas, ninguém nunca foi original, a não ser o primeiro homem que escreveu, no mundo, e este mesmo haveria de ter empregado termos correntes de seus semelhantes. Menos Brasil Gerson... Mas não é esse o caso de Brasil Gerson. O nosso caso actual. Penso que elle devo ter escandalizado muita gente — conseguindo, portanto, o seu ideal — pela burguezia intellectual que ha em São Paulo. Não sei se em todo o mundo existem essas burguezias. Mas em São Paulo ha. E das boas. Gerson, porém, é o maior anti-burguez do mundo. Gosta de metter a ridículo o burguez. Escreve coisas terríveis. Pelo gosto daminho de cutucar os burguezes. Inventou uma theoria da indiferença para a vida, que é a coisa mais anti-homem - das - batatinhas, que existe. E está com suas "Memórias de um gigoló" nas officinas dos Irmãos Ferraz — o que vai ser, com toda certeza das coisas infallíveis (os tempos são do papa e podemos falar em infallibili-

dade) o escandalo maximo para os senhores - que - fazem - barba-aos-sabbados. Elogia-se a si proprio muito sem cerimonia. Pelo gostinho picante do debique disfarçado. Com um sorriso malevolo pelos outros que não gostam delle. Não faz a minima questão de ser menino-familia. Pelo contrario. Escandalisa a si mesmo. Faz por gosto a propria chronica de enrubeceer matronas. O que elle não quer é ser menino bonito, filhinho da mamãe para uso externo. Isso é que não. Vive a apregoar que móra no "Terminus". Porque móra mesmo e lá é hotel de luxo, e elle, seja lá porque fôr, pôde morar no "Terminus": é escriptor que tem dinheiro, diz sempre... Tem dinheiro e não dá confiança. Ah! é que é! Fuma sempre. Cigarros finos, é claro... Fidalgo. Faz questão absoluta de ser fidalgo. De ter avós de braço authenticos da Europa. Da Europa, sim. Porque os braços authenticos da America já são burguezes. Aqui é o Rei do Café, o rei do Afinete, o Rei do Prêgo de Aço. Quando não é a Rainha da Beleza — a unica rainha que existe, feliz-

mente. Porque é "miss". Ou os condes do papa ou do Mussolini (salve!) (*)

Eu não conheço pessoalmente o Brasil Gerson. E acho que elle não devia nunca apparecer a ninguém. Para estar de accôrdo consigo mesmo.

São Paulo, Junho, 1929.

HOMERO SILVEIRA.

(*) Não ha contraste em apparecer aqui o papa e o Mussolini. Elles não são da Europa. São da Italia e do Vaticano. Dois grandes continentes autonomos. Registrem os senhores professores de geographia.

H. S.

Illustração Brasileira

 Revista mensal illustrada
 collaborada pelos melhores escripto-
 res e artistas nacionaes e
 estrangeiros.

SILVA ARAUJO

**TODA A MÃE DEVE
AMAMENTAR
SEU FILHO**

ELIXIR GALACTOGENO

**Tonifica o organismo
e produz leite**



FORMULA DO DR. MIRANDA CARVALHO

**FABRICAÇÃO DE
SILVA ARAUJO**

"A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil"

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Realizou o seu 92º sorteio trimestral em dinheiro

Relação das apólices sorteadas

193.846—Jonas Ferreira Trindade	Cedro — Sergipe.	126.843—Confúcio Augusto Pam- plona	Idem — Idem.
185.479—Belino Baggio	Ribeirão Claro — Paraná.	179.286—Paulo Mendonça	Aranguary — Idem.
122.939—José Adolpho Lima Ave- lino	Ponta Porã—M. Grosso.	178.133—Carlos Luciano Goulart	Bello Horizonte — Idem.
196.633—Paul Petrides	Manaos — Amazonas.	180.776—Theotônio Patrocínio de Moraes	Araxá — Idem.
185.679—Roderico Dantas Barreto	C. Alta — R. G. do Sul.	183.781—Arnaldo Rodrigues Pe- reira	Queluz — Idem.
119.831—João Ramalho	Penedo — Alagoas.	187.331—José Lemos da Silva ..	Aranguary — Idem.
175.535—Raymundo Arca Leão	Therzaina — Piauí.	(8) 115.893—Victorio Margolla ..	Bello Horizonte — Idem.
178.938—Manoel Fernandes Raa- teiro	Belém — Pará.	169.455—Pacífico Maroco	Bicas — Idem.
143.258—Francisco Maria Bordallo	Idem — Idem.	128.132—Domíngos dos Santos Freitas	Uberabinha — Idem.
98.159—Fortunate Pereira da Trindade	Caxias — Maranhão.	187.113—Alfredo Ernesto Balena	Bello Horizonte — Idem.
161.395—Friedrich W. P. Ernest Paschen	S. Luiz — Idem.	138.969—João José Alves	Montes Claros — Idem.
169.779—Alexandre Mattos Costa Lima	Fortaleza — Ceará.	138.919—Onofre de Azevedo, Le- mos	S. G. Sapucahy — Idem.
170.175—Mariano Duarte Pinheiro	Maranguape — Idem.	187.020—Mario Natal Guimarães	Itayutaba — Idem.
162.890—Alcino V. de Almeida Machado	S. J. Miquy — E. Santo.	189.302—Pacífico Caldeira Leal ..	Bello Horizonte — Idem.
(1) 155.565—Sisypho Sardenberg	S. Felipe — Idem.	191.190—Jacob Lopes de Castro	Oliveira — Idem.
140.916—Cyriaco José d'Annuncia- ção	Ibêos — Bahia.	195.915—Dionísio Pinto Pinza ..	Dores Indayá — Idem.
184.831—Victor Alves Pinheiro ..	Itabuna — Idem.	161.620—Jartias Vidal Gomes ..	Bello Horizonte — Idem.
179.699—José Marcellino Nunes Leal	S. Salvador — Idem.	148.689—Alfonso Mario Junho ..	S. R. Sapucahy — Idem.
(2) 112.050—Maria Marcina von So- sten	Recife — Pernambuco.	191.132—Fortunato Alves Ma- chado	Barretos — São Paulo.
139.635—Maurice Swift G. Wil- liams	Idem — Idem.	180.851—Pierre Antoine André Soulas	S. Paulo — Idem.
127.837—Annibal Xavier Poroca	Limoeiro — Idem.	(9) 136.483—Emílio Harrisono Lar- rivos	Catanduva — Idem.
147.166—Victor de Lyra — Seixas	Recife — Idem.	182.668—Benedicto Pascholino ..	Campos Novos — Idem.
194.529—José Dutra Navarro ..	Sta. Theresa — E. do Rio.	164.863—Oscar Pinto Lourenço ..	Pirajuby — Idem.
171.641—Nahor Getúlio Pessoa ..	S. S. Boa Vista — Idem.	155.365—Antonio Nemo Cozman ..	Santos — Idem.
194.263—Sebastião Ribeiro de Paiva	Santa Rosa — Idem.	191.717—Abelardo Gutierrez ..	S. Paulo — Idem.
190.812—Manoel Torné Berenguer	S. Gonzalo — Idem.	97.494—Victor Sacramento	Idem — Idem.
197.316—Manoel da Silva Nogueira	Petropolis — Idem.	194.919—Luiz Pereira Campos Vergueiro	Idem — Idem.
170.225—João Moreira Souza ..	Capital Federal.	131.913—José Benatton Prado ..	Idem — Idem.
106.173—Oscar de Araújo	Idem.	194.722—Cyro Landanna Loureiro	Quiririm — Idem.
(3) 112.441—Raul Machado Bilen- court	Idem.	141.900—Benedicto Ramos Ortiz ..	Barretos — Idem.
163.107—Amílcar de Seixas Brites	Idem.	(10) 148.826—Raphael Moura Campos	S. Paulo — Idem.
181.459—Joaquim de Oliveira Lo- pes	Idem.	187.952—Arthur da Purificação ..	Idem — Idem.
149.256—Manoel de Souza Neves	Idem.	195.835—Angelo Carrara	Idem — Idem.
196.171—Oliveiro Pires Rabello ..	Idem.	191.429—Jorge Bicaldo da Camara Falcão	Idem — Idem.
153.634—Marcus G. Faerstein ..	Idem.	185.151—Augusto Villas	Idem — Idem.
(4) 125.656—Christian Fernandes da S. Oliveira	Idem.	187.156—Saturnino Fernandes de Souza	Idem — Idem.
(5) 125.833—Antonio Fernandes de Souza	Idem.	149.292—João Passos Gama Cer- queira	Idem — Idem.
186.529—Lafayette Gomes Ribeiro	Idem.	(11) 177.973—Raul de Almeida Prado	Idem — Idem.
187.577—Nilo Figueiredo	Idem.	161.489—Orlando Theodoro Lima (falecido)	Santos — Idem.
(6) 122.374—José Maria Albuquerque Bello	Idem.	164.827—Floriano Rodrigues de Moraes	S. Paulo — Idem.
125.495—José Antonio de Azevedo	Idem.	(12) 141.837—José Adriano Marrey Junior	S. Simão — Idem.
130.567—Jaldemar de Figueiredo Rocha	Idem.	188.688—Francisco Xavier Magn- lhães Costa	S. Paulo — Idem.
128.860—Leandro da Silva Perdi- gão	Idem.	108.792—Raul Rangel de Carvalho	Pedernhas — Idem.
(7) 130.514—Joaquim Alves Tolentino	B. Horizonte—M. Gernac.	180.955—Sebastião Mourão	Bebedouro — Idem.
	Idem — Idem.	183.937—José Augusto Lopes de Oliveira	



Delegados ao Congresso Medico Brasileiro visitando, em Paquetá, o Preventorio "Dona Amélia"

Les merveilleux produits de Beauté A. Dorét qui depuis douze ans assure la fortune de cette maison

Pour le visage, pour toutes les taches de rousseur, sardes, boutons, echymoses, pour toutes les imperfections de la peau, aucun produits au monde n'a autant de valeur que les produits A. Dorét.

JOUVENCE FLUIDE DÈSSE pour nettoyer le visage, affiner la peau, assurer la bonne respiration cutanée et **JOUVENCE FLUIDE DÈSSE N° 12**, pour nourrir fortifier les nerfs peaussiers, faire disparaître toutes les imperfections, dermatoses de toute nature, l'emploi de ces deux produits, assure la jeunesse de visage éternelle.

JOUVENCE FLUIDE DÈSSE	JOUVENCE FLUIDE DÈSSE N° 12
Petit modèle . . . 5\$000	Flacon 15\$000
Grand modèle . . . 15\$000	Pour le courrier 25\$000 en plus.

LAITE DÈSSE pour fixer la poudre de riz e assé-
tine la peau flacon 5\$000 e 15\$000.

Poudre **MON PREMIER BAL** la meilleur poudre de
riz 5\$000, pour le courrier 25\$000 en plus.

TOUS ARTICLES
DE PARFUME-
RIES, COLOGNE,
LOTION, PAR-
FUMS SPECI-
AUX, ETUDIES
POUR CHAQUE
CLIENTE.



Adresser les demandes: — A. Dorét — Col-
leur pour Dames — 5-A rua Alcindo Guanaba-
ra — Rio de Janeiro — Tel. C. 2431.

Leiam O TICO-TICO, a revista infantil de maior circulação.

USEM
LUGOLINA
E
SALSA, CAROBA E MANACA
DE HOLLANDA
PREPARADO PELO
DR. EDUARDO FRANÇA
OS DOIS JUNTOS REPRESENTAM
O IDEAL DO TRATAMENTO
PREÇO
5\$000

DIGA COMNOSCO






LU GO LI NA

DR. Eduardo França
O MELHOR REMEDIO PARA MOLESTIAS DA
PELE, FERIDAS, DARTHROS, ETC. ETC.
LABORATORIO E FABRICA
AVENIDA MEM DE SA, 72 A 76 PHONE. CENTRAL 2827

DEPOSITARIOS
DA
LUGOLINA
E SALSA
ARAUJO FREITAS & C.
R. DOS OURIVES
88 E 90
RIO DE JANEIRO

A FUTURISTA

É sempre a casa preferida pela excellencia de seus artigos e modicidade de preços.

ADMIREM!

Preço a título de grande reclame



Tressê Francez em todas as cores, a Maior Novidade e perfeição no genero, de N.º 32 a 40—Pelo correio mais 2\$500.



Futurista, foi o nome dado na pia baptismal a este modelo, verdadeiro assombro em preço, feitio e combinação de cores. Biqueira, faixa e salto em pelica marrom, meia gaspea, talão e cordão em naco "bois de rose". A mesma combinação em preto e "bois de rose". Também o mesmo modelo todo preto. Salto cubano e Luiz XV. De numeros 32 a 40. Pelo correio mais 2\$500.

Já está em distribuição o novo catalogo, que será enviado a quem o requisitar. Grande variedade de calçados finos, em todos os modelos. Chapéus de palha fina, o maior reclame da casa, de 17\$ por 10\$800 — FRANCISCO FIDALGO 176, Rua Marechal Floriano Peixoto, 176 Em frente à rua do Nuncio — RIO

EM JULHO

Vinte annos de Circo

— E —

Miss...

2 NOVELLAS DE

BRASIL GERSON

Um Segredo da França



As favoritas dos reis banhavam-se outr'ora em creme afim de conservarem a pelle assetinada, flexivel e pura. A mulher de hoje descobriu um substituto economico e efficaç, confiando esse segredo ao bello sexo da America.

Basta que V. S. misture com a agua um pouco de Maizena Duryea e pode banhar-se como de costume, usando o sabonete predilecto. Ao se enxugar V. S. notará que a sua pelle ficou macia e assetinada como a pétala de uma rosa.

Este verdadeiro banho de beleza cobre o corpo com subtil camada de Maizena Duryea, optima protecção contra o roçar da roupa e a humidade do ar. Experimente, senhora, e terá resultados maravilhosos.

M. BARBOSA NETTO & CIA.
Caixa Postal, 2938
Rio de Janeiro

MAIZENA DURYEA



CIRCO

de ALVARO MOREYRA

Edição Pimenta de Mello & Cia.

Rua Sachet, 34 — Rio de Janeiro

1 volume 6\$000

A' venda em todas as livrarias

LEITURA PARA TODOS

o melhor e mais agradável a interessante revista mensal constitue passatempo.

Dr. Alexandrino Agra

CIRURGIAO DENTISTA

Participa aos seus amigos e clientes que reabriu o seu consultorio,

RUA RODRIGO SILVA N. 28

Telephone C. 1838

M e i a s CASA STEPHAN



Só as da
CASA
STEPHAN
nos preços, qualidade e variedade. Só vendemos Meias perfeitas e garantidas. — Rua Urugayana, 12.

Para o interior, os mesmos preços da Capital.

PARA EXTIRPAR AS RAIZES DOS PELLÓS

As sobrancelhas que se contrariam com o crescimento de pelos superfluos, devem saber que existe um meio que permite obter o seu definitivo desaparecimento matando-lhe as raízes. Para se conseguir este resultado basta applicar por lax puro pulverizado as partes onde surjam tão inconvenientes hospedes. Recomenda-se muito especialmente este tratamento, porque de força o instantaneo desaparecimento dos pelos e, além disto, ao extirpar as raízes dos ditos pellos, faz com que estes não reapareçam. Uma cega de cecilia, que pode ser adquirida em qualquer farmacia, é sufficiente para o tratamento.

VICTOR CAXIAS (Rio) — Sua graphia sobra denota equilibrio, moderação, reflexão, reserva, prudência.

Ha tambem um pouco de amor às comodidades, ao luxo, às viagens.

Nota-se ainda que no momento de escrever estava um pouco nervoso.

A maneira de graphar seu nome, começando pelo terceiro e terminando no primeiro, indica desconfiança, um tanto de capricho e originalidade.

BUTUCA LOURA (Rio) — Letra nebulosa, prova de incoherência viva, rapidez, agitação, inquietude. As palavras escriptas sem solução de continuidade demonstram grande poder de abstracção logica, actividade psychica, assimulação ideal, sequencia nas ideias, embora com um pouco de precipitação.

A forma de assinar seu nome é uma prova de que tem personalidade forte, bem definida.

O horoscopo das primeiras nascidas em 23 de Abril é o seguinte: Tem muita resistência physical e grande força mental, o que lhe dá autoção para vencer obstáculos. Muita capacidade para dirigir, e dominio sobre si mesmo.

Tem tendencia para a verdade, para se vangloriar e dar conselhos que lhe não são pedidos.

Não admittem que outros tenham ideias e gostos diversos dos seus. São obsequiosos e serviaes. Não devem contrahir matrimonio nos dias 24 e 25 do mez em que nasceram. Sua prole será numerosa e sadia.

ALIVA (São Paulo) — Sua letra redonda mostra que é bondoso, indulgente, sensível, com amor proprio muito susceptível, fiel e se indignar por qualquer coisa. Altruista, generoso, não sabe negar auxílio a quem recorre aos seus bons officios.

Sua assinatura, em mollon, o traço com que a sublinha é igual de que tem caracter firme, e não perdoa as offensas, vingativo quando encontra oportunidade para isto.

Graphologia

A VISO

Temos inutilizado innumeradas cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permitido para a resposta.

RUTH (São Paulo) — Imaginação viva, grandes aspirações, orgulho mesclado á generosidade são as principais características da sua letra. Os traços verticaes indicam energia, reserva, força de vontade, o que é confirmado pela forma de cortar os H e pelos pontos accentuadamente fortes dos H. Noto ainda tenacidade, espirito critico e satyrico. Firmeza de opiniões, resoluções promptas.

PERY (Rio de Janeiro) — Traços inclinados para a esquerda: dissimulação, desconfiança, contenção de espirito. A graphia da letra "q" denota reserva, assim como a do "i" com um laço inferior e um corte alto, signal de vontade.

ASTHMA

O REMEDIO REYN-GATE para o tratamento radical da Asthma Dta.

puéis. Influença, Defluxos, Bronchites, Catarrhats, Tosses rebeldes, Causação Chiados do Pello, Suffocações. É um MEDICAMENTO de valor composto exclusivamente de vegetaes.

É liquido e tomam-se trinta gotas em agua asseccada pela manhã, ao meio-dia e á noite ao deitar-se. Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

AVISO — Preço de um vidro 12\$000, pelo Correio, registrado, réis 15\$000. Envia-se para qualquer parte do Brasil em carta com o VALOR DECLARADO ao Agente Geral J. de Carvalho — Caixa Postal n. 1724—Rio de Janeiro.

Deposito: Rua General Camara n. 225 (Sobrado) — Rio de Janeiro.

de forte, calma, obstinação. Quem escreveu a carta não foi a mesma pessoa que graphou o pseudonymo.

Apesar do que disse acima, o autor da carta é bondoso, apparentando, po-



rém, não o ser. Timbra em ozenias sem boas predicações.

EU (Nocturno Paulista) — Original sua graphia em que os traços cheios contrastam singularmente com as linhas tenues: Amor aos prazeres, excitação dos sentidos, sensualismo. Luta do seu proprio "eu" contra essas tendencias. Gosto pela poesia, pelas artes, sentimento esthetico desenvolvido.

Diluição logica, poder de assimilação, concatenação das ideias fantasmias, divagações, epicurismo.

FORTE (Rio) — Inteligencia mediocre, pouca cultura intellectual, assim como pouco amor á verdade.

Perturbações cardio-vasculares. Deve procurar um medico especialista para examinar seu coração. Como é um espirito impressionavel não va pensar que está muito doente. Deve apenas cuidar de sua saúde, que parece precaria. O traço complicado com que rubrica seu nome dá idea de que gosta das situações embaraçosas dos rodeios, dos caminhos mais difficeis para atttingir um fim qualquer.

CLARA (Sylvestre Pereira) — Muita delicadeza, sensibilidade forte, fragueza. Pouco amor á verdade, o que se evidencia na simplicidade das linhas; espirito accommodado, concordando com tudo para não desgostar, seja a quem for. Bondade, gentileza, hesitação, medo, receio, infantilidade, às vezes.

Nervosismo; um pouco de impaciencia, inquietações às vezes. Tristeza, melancolia, desistência de animo.

DESILLUDIDO (Rio) — O traçado rectilinea das suas palavras mecam se- veridade, firmeza, inflexibilidade, amor

MARATAN

pela Saude Publica e recetado pelas
Digestões difficis, Velhice precoce

Summidades medicas — Falta de forças, Anemia, Polureza e impureza de sangue;
Depositarior: Ataulo Freitas & Cia. — 88. Rua dos Ourives, 88 — Rio.

Tonico nutritivo estomacal (Arseniado Phosphatado) Elixir indigena — Preparado no Laboratorio do Dr. Eduardo Franca — EXCELENTE RECONSTITUENTE — Aprovado

LEIAM

Espelho de Loja

de

ALBA DE MELLO

nas livrarias

à rotina, conservadorismo. O arredondado das letras é signal de bondade, indulgência, o que está em desacordo com as características anteriores, de onde se conclue que talvez sua severidade seja apparente. Ha fortes indícios de sensualismo nos traços curvos de quasi todas as letras. Sua assignatura cheia de arabescos denota espirito desconfinado, amigo de situações complicadas e embaraçadas, cheias do mysterio que os tres pontos na mesma assignatura vêm confirmar claramente. Ha tambem grande dose de scepticismo no intimo de sua alma revelada em certos caracteres da sua escripta, como ainda trahida no pseudonymo adoptado.

BRASA (Rio) — Letra fina e inclinada para a direita. muita sensibilidade, delicadeza, fraqueza physica, tendo, entretanto, o animo forte, alguma força de vontade, um tanto caprichosa. Espirito critico, mordaz. Amor proprio muito susceptivel, o que quer dizer: chumenta; sentimentalidade, indecisão antes de se resolver a tomar um partido. Elegancia e vaidade, aliás natural nas filhas de Eva.

PAJO (Rio) — Sua letra desigual denota espirito emotivo, agitação, mobilidade, curiosidade, argucia. Ve-se ainda gosto pelo estudo, principalmente questões philologicas. Um pouco de sensualismo patenteado nos traços cheios de certas letras. Perseverança, teimosia, tenacidade mesmo na consecução dos fins visados. O traço com que firma sua assignatura é uma prova da sua energia e força de vontade, assim como o forte ponto do jota. Livros sobre graphologia são raros aqui. Procure, entretanto, ler o "Traité de graphologie scientifique", do Dr. P. Joire, e os Livros de Crépieux Jamin, Streletski e Solange Pellat.

GRAPHOLOGO.

Brinde aos leitores do O MALHO

Os assignantes annuaes do O MALHO têm direito ao recebimento gratuito do

Almanach do O MALHO

A "PEQUENA BIBLIOTHECA NUM SÓ VOLUME", CUJA EDIÇÃO PARA

1930

ESTÁ EM ORGANIZAÇÃO

O mais antigo annuario do Brasil e, portanto, o que melhor conhece as preferencias dos leitores.

EDIÇÕES ESGOTADAS RAPIDAMENTE
EM 4 ANNOS SEGUIDOS!

Vamos ter, proximo, a parada da beleza no Rio de Janeiro. A JUVENTUDE ALEXANDRE garantirá a victoria a quem a empregar: basta um vidro para a experiencia. Vende-se em qualquer pharmacia ou drogaria e custa apenas 4\$000 e pelo Correio 6\$400. Depositarios: Casa Alexandre — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.

GRAÇAS ÀS GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento, durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz.



Innumeros attestados provam exuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias.

Deposito geral:

ARAUJO FREITAS & CIA.
RIO DE JANEIRO

O EXTRAORDINARIO ROTEIRO DE
ALAIN GERBAULT
60.000 KILOMETROS A VELA
(FIM)

mitre e selvagem que somente Loli havia avistado.

Não passava de enganadora miragem, pois, quando me aventurei ao estreito que a repara da ilha de Tahaa, Borabora apareceu radiante, verde e fértil. A brisa tornou-se leve, e era quasi noite quando cheguei à entrada do canal de Teava. Então começou uma navegação cheia de interesse, bordejando contra a brisa e a corrente, guiado somente pelo ruído das ondas nos recifes que enchem o canal. Breve terminou essa navegação perigosa e veio-me auxiliar a claridade da lua que acabava de surgir entre as ilhas de Tupua e Borabora, sobre a lagoa levemente encrespada. Depois, ao aproximar-me de terra, nuvens e uma chuva torrencial interceptaram tudo ante meus olhos, mas eu havia podido marcar com o compasso a situação da costa em relação ao pico dos montes Pahia e da ilha Tupua. Larguei a ancora tendo quinze braças de fundo e quando a chuva passou e que a luz reapareceu por entre as nuvens, avistei a menos de cento e vinte braças, o paredão de madeira do embarcadouro de Vaitape. Mesmo em pleno dia, não poderia ter escolhido melhor ancoradouro.

No dia seguinte, recebi a bordo a visita do representante da França, que era um antigo colono, ha quinze annos no paiz. Cumulava essas funções com as de professor, era casado com uma franceza e tinha duas filhas.

Alguns dias depois da minha chegada, o chefe da ilha deu um almoço em minha honra. Construíram especialmente para esse fim uma cabana aberta e decoraram-na com as flores perfumadas do "hiano" e da "tiare". À entrada empilhavam-se as frutas, cocos, peneas de bananas. Sentámo-nos no chão de pernas cruzadas, coroados de flores à moda polynesiense, em volta de uma esteira, onde estavam dispostas as iguarias da excellente cozinha tahitiana.

Um dia, um navio de nacionalidade franceza appareceu à entrada do canal. Era o navio "Cassiopee".

Era a primeira vez que eu encontrava, na minha travessia, um navio de guerra da minha patria e admirei muito o garbo magnifico do navio e da sua tripulação.

QUER GANHAR SEMPRE NA LOTERIA?



A Astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA e FELICIDADE. Guiando-me pela data do nascimento de cada pessoa, descobrirei o modo seguro que, com minhas experiencias, todos podem ganhar na loteria; sem perder uma só vez.

Milhares de attestados provam as minhas palavras. Mande seu endereço e 300 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA". Remetta esse aviso — Endereço Sr. Prof. P. Tong, Calle Pozos 1369; Buenos Aires—Republica Argentina—Cite esta Revista.

Era-me muito agradável encontrar francezes possuindo o espirito maritimo e podendo se interessar ao que constitui a minha vida.

meus instrumentos e métodos de navegação; falámos longamente do que tenho feito e de meus projectos futuros deante dos mappas.

Em terra houve, á noite, no grando illuminado pelos holophotes do "Cassiopee", uma grande festa em honra do navio de guerra. Em primeiro lugar, os indigenas, sentados na relva, executaram um coro extraordinario em oito partes diversas de uma harmonia estranha e curiosa, com as notas finas muito prolongadas. Em seguida, os melhores dançarinos da ilha executaram uma "hupa-hupa" de uma virtuosidade infantina e contorsões quasi acrobaticas.

No dia seguinte, o "Cassiopee" dirigia-se a Tahiti, mas durante os dias que precederam minha partida para as ilhas Samoa, pude constatar a excellente impressão que o navio de guerra deixara entre os indigenas; sera muito bom que vissem, de tempos a tempos, francezes aportarem á sua ilha sem fim interesseiros.

No sabado, 12 de Junho de 1926, levantei ferro á tarde e sahi da maravilhosa lagoa de Borabora; ao entrar no canal de Teavani, passou perto de mim uma piroga de balancim: iam nella dois indigenas a cantar, trazendo apenas simples "paraus", com os corpos bronzeados brilhando ao sol. Eram os meus amigos Mana e Teai que voltavam da pesca. Gritaram-me um adieu triste: "Apaé", e supplicaram-me que voltasse, mas para mim Borabora já era o passado e todos os meus pensamentos se voltavam para o futuro, para as ilhas Samoa, o archipelago dos navegantes de La Pérouse, situadas a mil e duzentas milhas a oeste.

ALAIN GERBAULT.

Os meninos que têm "O Tico-Tico" aprendem a ser homens de bem.

MAGIC E O SUOR:

- MAGIC secca o suor debaixo dos braços.
- MAGIC tira completamente o mau cheiro natural do suor.
- MAGIC evita o uso dos antigos sudoricos de borracha nos vestidos.
- MAGIC é o unico remedio para o suor aconselhado pelos eminentes Drs Coulo, Aloysio, Austregasillo, Wernoch, Terra.

A' venda em todas as pharmacies — Pedidos a Araujo Freitas & C — Rua dos Ourives, 88 — Rio

O commandante Jean Deconx fez-me almoçar a bordo e, á tarde, foi visitar o "Firecrest", onde se demorou bastante. Mostrou-se muito interessado pelos

Para unhas lindas
Esmalte "Gaby"

Mater - San

A VIDA DA MULHER
ELIMINA AS COLICAS UTERINAS POR COMPLETO

SOBERANO TONICO REGULADOR DAS FUNÇÕES UTERO-OVARIANAS DA MULHER



NERVOS CALMOS.

DESAPPARECEU
A
IRRITAÇÃO

Agora já dorme bem,
já vive satisfeita. O
mal estar de outrora
era simples consequência do mau
equilíbrio das regras. A Hémocleïne,
o novo regulador francez, apresen-
tado em granulados de gosto agra-
dável, corrige as regras defeituosas
e combate as doenças de senhoras
em geral.

HEMOCLEINE

O REGULADOR VICTORIOSO NAS
MOLESTIAS DE SENHORAS

CALLOS

CALLOSIDADES E JOANETES



ESQUECIDOS NUM INSTANTE

Um minuto depois de aplicar o
emplastro Zino-pads do Dr. Scholl V. S.
se esquecerá de haver sofrido qualquer
destes incommodos

Vende-se em todas as Pharmacias
Sapatarias do Brasil

PREÇO 3\$500

Pedem amostras e o livrinho "Tratamento e cuidado dos
Pés" do Dr. Scholl a

CIA. DR. SCHOLL S.A.
RUA OUVIDOR, 162 RIODEJANEIRO

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

A melhor revista editada em lingua portugueza, collaborada pelos melhores
escriptores nacionaes e estrangeiros.

Dores de Cabeça e Mau Estar.

Use

VANADIOL

que allivia o systema nervoso
e restitue a alegria perdida.



ANUNCIOS, DESENHOS, ORÇAMENTOS, IDÉIAS
Anualidades para todos os jornais e
revistas nacionaes e estrangeiras.
AV. RIO BRANCO, 137-1º (EDIF. GUINLE)
TELEPHONE N. 2356

RUBINAT LLORACH

A MELHOR AGUA MINERAL NATURAL PURGATIVA

AGUAYKAN-DE DAS CONTRAPACQUES NACIONALES DE EXTRANGEREAS

AG. D. N. S. P.
N. 275 de 27-1918



Lembrança da chegada ao Rio do Dr. Demétrio Ribeiro, propagandista da República, há muitos annos morando em Paris.



Enlace Irene Romero — Dr. Pericles Miranda.



Leiam
ESPELHO DE LOJA
de
Alba de Mello

No Club dos Bandeirantes,
quando foi o almoço que os
amigos do Dr. Marques Por-
to lhe ofereceram à sua
volta da Europa.

CINEARTE
a melhor revista
de
cinema



A Embaixada de Estudantes Bahianos que esteve no Rio entre as figuras mais representativas do seu Estado aqui, antes de um almoço cordeal no Jockey Club.



Escrava voluntaria

Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo frágil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.

Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d' "A SAUDE DA MULHER".

Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio



A SAUDE DA MULHER